

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)**

Simone Engbrecht

**AS NARRATIVAS MUDIÁTICAS SOBRE VÍTIMA NA ENCHENTE DE 2014 NO
VALE DO ITAJAÍ, SC. TRAUMA E REPETIÇÃO**

Santa Maria, RS

2017

Simone Engbrecht

**AS NARRATIVAS MUDIÁTICAS SOBRE VÍTIMA NA ENCHENTE DE 2014 NO
VALE DO ITAJAÍ, SC. TRAUMA E REPETIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Problemáticas de Saúde e Contextos Institucionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Perrone

Santa Maria, RS

2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Engbrecht, Simone
AS NARRATIVAS MUDIÁTICAS SOBRE VÍTIMA NA ENCHENTE DE
2014 NO VALE DO ITAJAÍ, SC. TRAUMA E REPETIÇÃO / Simone
Engbrecht.- 2017.
94 p. ; 30 cm

Orientadora: Cláudia Maria Perrone
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2017

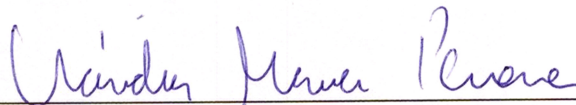
1. Psicanálise 2. Vítima 3. Trauma 4. Repetição 5.
Fraternidade I. Perrone, Cláudia Maria II. Título.

Simone Engbrecht

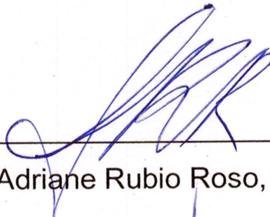
**AS NARRATIVAS MUDIÁTICAS SOBRE VÍTIMA NA ENCHENTE DE 2014 NO
VALE DO ITAJAÍ, SC. TRAUMA E REPETIÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Problemáticas de Saúde e Contextos Institucionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

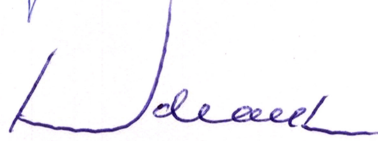
Aprovado em 30 de março de 2017:



Cláudia Maria Perrone, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Adriane Rubio Roso, Dra. (UFSM)



Karin Hellen Kepler Wondracek, Dra. (Faculdades EST)

Samara Silva dos Santos, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS

2017

*Aos meus irmãos e cunhados, que alimentam
a possibilidade de fraternidade que o amor oferece.*

“Devemos aceitar o impossível deixar de acontecer.”

William Shakespeare

RESUMO

AS NARRATIVAS MIDIÁTICAS SOBRE VÍTIMA NA ENCHENTE DE 2014 NO VALE DO ITAJAÍ, SC. TRAUMA E REPETIÇÃO

AUTORA: Simone Engbrecht

ORIENTADORA: Cláudia Maria Perrone

Inspirados no desafio proposto por Joel Birman (2006), de sustentar uma travessia que desconstrua a servidão e o pacto masoquista na atualidade, pesquisamos as narrativas midiáticas sobre a condição de vítima na enchente na região banhada pelo rio Itajaí-Açu, SC, de 2014 possuindo como recurso teórico o estudo de repetição e de trauma desenvolvido pela psicanálise. Os antropólogos Didier Fassin e Richard Rechtman (2009) formularam o termo “nova linguagem dos acontecimentos”, quando consideraram que os eventos são tomados na contemporaneidade como traumáticos e legitimadores de vítimas, para nomear a retirada do lugar singular e subjetivo do sujeito a partir de rótulos psicopatológicos utilizados de maneira generalizada. Percorremos durante a revisão de literatura sobre o tema, a pesquisa de Paulo Vaz e Gaelle Rony (2011), a partir de reportagens em revista e TV, sobre eventos provenientes de catástrofes naturais no RJ e onde perceberam como a forma de denúncia ao Estado foi se modificando nos últimos quarenta anos. Interessou-nos especialmente a sua discussão sobre a observação de como a política da piedade foi substituída pela política de vítima virtual, em que a figura de vítima é generalizada a todos que assistem a um acontecimento e que são traumatizados e que concorda com a observação de Fassin (2002 apud VAZ; RONY, 2011), de que a diferença entre piedade e compaixão esteja se desfazendo. Esta pesquisa foi de natureza qualitativa, utilizando a coleta de documentos a partir do jornal *A Notícia*, de Joinville, SC, por ter uma publicação regional e diária, num intervalo de um mês após o início dessa enchente. Coletamos 110 reportagens relacionadas à enchente e a análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin (2016). As narrativas apontaram para a reincidência das enchentes na região, porém marcando a diferença através da comparação entre a força da destrutividade em 2014 e outros episódios, construindo uma ideia de necessidade de uma previsão climática com maior precisão. Nelas também a convocatória por doações para as vítimas foi alicerçada na proposta de solidariedade oferecida pela cultura. Entendemos que seja necessário um rompimento com o uso das ideias de falso amparo que palavras de solidariedade superficiais ou superfluidas possam alimentar. Romper com a banalidade implicou em nos questionarmos sobre a repetição, além da reincidência dos fatos. Foi pela diferença entre a *Unheimliche* e a angústia sinal: a posterioridade, que associamos duas compreensões fundamentais de dois autores sobre esses conceitos. Birman destacou a *Unheimliche* indicando o desamparo. E, conforme Lacan (2005), esse sinal comunicaria a pretensão de gozo do outro. Nessas narrativas, a banal angústia sinal que procura a previsão do tempo encobre e produz uma *Verleugnung* de uma diferença social. A *Unheimliche*, se existisse, nos leitores, criaria essa possibilidade em perceber as diferenças. A enchente de narrativas contraditórias está direcionada àqueles que leem algo como se fosse uma angústia sinal. Porém, a *Unheimliche* pode também assinalar uma confusão de narrativas, a maneira de confusão de línguas, conforme Ferenczi (1992), e, a partir de Birman (2006), atravessar esse deserto de contradições e desmentidos e construir laços fraternos iluminados pela semelhança e alicerçados em enlaces amorosos.

Palavras-chave: Psicanálise. Vítima. Trauma. Repetição. Fraternidade.

ABSTRACT

THE MEDIA NARRATIVES ABOUT THE VICTIM IN THE FLOOD OF 2014 IN THE VALE DO ITAJAÍ, SC. TRAUMA AND REPETITION

AUTHOR: Simone Engbrecht

ADVISOR: Cláudia Maria Perrone

Inspired by the challenge set by Joel Birman (2006), to sustain a crossing that deconstructs bondage and the masochistic pact in the present time, we investigate the media narratives about the victim status in the flood in the region bathed by the river Itajaí-Açu, SC, of 2014 possessing as a theoretical resource the study of repetition and trauma developed in psychoanalysis. Anthropologists Didier Fassin and Richard Rechtman (2009) formulated the term "new language of events," when they considered that events are taken in the present day as traumatic and legitimatising of victims, to name the withdrawal of the singular and subjective place of the individual due to psychopathological labels used in a generalized way. During the review of literature on the subject, the research of Paulo Vaz and Gaelle Rony (2011), based on magazine and TV reports, on events from natural catastrophes in Rio de Janeiro and where they perceived that the form of denunciation to the State has been changing over the last forty years. We are particularly interested in their discussion of the observation of how piety policy has been replaced by virtual victim policy, in which the victim figure is generalized to all who attend an event and are traumatized by it and which agrees with Fassin's observation (Fassin, 2002 apud VAZ; RONY, 2011) that the difference between piety and compassion is being undone. This research was qualitative, using the collection of documents from the newspaper A Notícia, from Joinville, SC, for having a regional and daily publication, within a month after the beginning of this flood. We collected 110 flood-related reports and the analysis of the data was performed by means of content analysis, according to Laurence Bardin (2016). The narratives pointed to the recidivism of floods in the region, but making a difference by comparing the strength of destructiveness in 2014 and other episodes, building an idea of the need for a more accurate climate forecast. In them also the call for donations for the victims was based on the proposal of solidarity offered by the culture. We understand that a break up with the use of the ideas of false protection, which can be fed by words of superficial or superfluid solidarity, becomes necessary. To disrupt banality meant that we asked ourselves about repetition, as well as the recurrence of the facts. It was the difference between *Unheimliche* and signal anguish: the afterwardsness, that we associate two fundamental understandings of two authors on these concepts. Birman pointed out the *Unheimliche* indicating the helplessness. And, according to Lacan (2005), this signal would communicate the pretension of *jouissance* of the other. In these narratives, the banal anguish signal that seeks the weather forecast conceals and produces a *Verleugnung* of a social difference. The *Unheimliche*, if it existed, in the readers, would create this possibility in perceiving the differences. The flood of contradictory narratives is directed at those who read something as if it were a signal anguish. However, the *Unheimliche* can also point to a confusion of narratives, in the manner of confusion of languages, according to Ferenczi (1992), and, from Birman (2006), to cross that desert of contradictions and denials and to grow fraternal linkages enlightened by the similarity and grounded in love bonds.

Keywords: Psychoanalysis. Victim. Trauma. Repetition. Fraternity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 REVISÃO DE LITERATURA	14
3.1 A FIGURA DA VÍTIMA E A NOVA LINGUAGEM DOS ACONTECIMENTOS .	17
3.2 REPETIÇÃO	33
3.2.1 Novo ou estranho	33
3.2.2 Destino e compulsão	37
3.2.3 Desmentido e banalização	39
3.3 TRAUMA.....	44
3.3.1 Realidade e fantasia	44
3.3.2 Angústia	50
4 METODOLOGIA	58
4.1 OBJETO DA PESQUISA	58
4.2 COLETA DE DADOS.....	59
4.3 INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS	59
4.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS	59
5 ANÁLISE DOS DADOS	61
5.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	61
5.1.1 Vítima	61
5.1.2 Trauma	67
5.1.3 Repetição	70
5.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	72
6 CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS	90

1 INTRODUÇÃO

A psicanálise propõe saídas para as amarras do determinismo, mostrando que o aprisionamento não está na racionalidade, mas sim, segundo Joel Birman (2006), no masoquismo decorrente do desamparo. Para desconstruir a servidão e o pacto masoquista na atualidade, os psicanalistas, segundo esse autor, deveriam sustentar a travessia do horror que um percurso pelo impossível constrói. Inspirados neste desafio pesquisamos as narrativas midiáticas sobre a condição de vítima na enchente na região banhada pelo do rio Itajaí-Açu, SC, de 2014, possuindo como recurso teórico o estudo de repetição e de trauma desenvolvido pela psicanálise. Os antropólogos Didier Fassin e Richard Rechtman (2009) analisaram a posição de vítima na contemporaneidade a partir do que formularam como a nova linguagem dos acontecimentos, conceituada por eles como a maneira como os eventos são tomados por traumáticos e lidos como legitimadores de vítimas e na qual trauma deixou de ser um termo restrito ao vocabulário da psiquiatria ou da psicologia.

As narrativas sobre vítima foram pesquisadas na mídia, pois essa investigação pressupõe que o peso dado na contemporaneidade ao traumatismo se dá a partir de uma retirada da importância ao lugar singular e subjetivo de cada um diante do acontecimento, e o lugar de vítima é uma posição oferecida pela cultura ao sujeito. E a mídia escolhida para investigação foi a imprensa, contando com as reportagens do jornal *A Notícia*, que possui publicação regional e diária desde 1923.

O questionamento sobre a diferença existente entre o lugar de vítima denominado por alguém e a compreensão simplificadora de uma posição passiva ocupada por um sujeito diante de um acontecimento ocupa espaço há algum tempo em minha trajetória profissional. Desde 1991, trabalho em consultório, com pacientes adolescentes e adultos. Há sete anos, a partir de uma experiência, quando então eu já havia me tornado psicanalista, no atendimento de uma adolescente de 14 anos que vivenciou um acidente automobilístico, no qual perdera a sua mãe um ano antes de iniciar tratamento e receber o pagamento de seu tratamento como parte de “indenização” pelo dano, havia me interrogado sobre a posição de “vítima”, que aparecia, a princípio, como identificador de seu lugar enquanto paciente, e que a aquisição dessa identidade, que insistia em marcá-la enquanto sujeito, pressupunha uma interpretação distinta daquela em que a sua resistência ao descolamento dessa posição de vítima estaria baseada na postura de

passividade da mesma diante da vida. E a saída desse lugar de sujeito vitimizado tornou-se fundamental para o ingresso dela num caminho de possibilidade da escuta do seu sofrimento, pois o binômio em um circuito fechado culpa-vítima tinha sido uma postura que interrompia o psicanalisar.

E, ainda, antes mesmo dessa experiência, ao trabalhar nos seis primeiros anos de minha trajetória como psicóloga em empresas de médio porte em atividade de consultoria, já estudando Psicanálise, também me questionava sobre os textos de Freud sobre cultura, especialmente *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921). Em particular, a respeito dos temas referentes à repetição e à identificação e, naquele momento, desenvolvi grupos com funcionários com o objetivo de reconhecimento de sua relação com as suas tarefas e com seu grupo de colegas, a partir da sua implicância em cada posição ocupada por seu trabalho.

Diante dessas questões, formuladas a partir de uma investigação sobre o lugar de sujeito vitimizado e a falta de reconhecimento de um lugar singular em um grupo, a minha orientadora de mestrado, Dr^a Cláudia Maria Perrone, indicou a leitura do livro desses autores referidos, Didier Fassin e Richard Rechtman, *The Empire of Trauma*, de 2009, onde há a descrição de uma “nova linguagem dos acontecimentos na contemporaneidade”, e o artigo de Fernanda Canavêz e Regina Herzog (2014) diferenciando trauma de traumatismo.

Utilizamos a diferenciação realizada por Canavêz e Herzog (2014) entre trauma e traumatismo, pois foi baseada nas ideias de Fassin e Rechtman (2009) sobre a relação entre o tema do trauma e da vítima e a observação dessas autoras sobre quão a figura da vítima auxilia a marcar as discontinuidades entre o sujeito o qual Freud estudou e aquele com o qual a psicanálise se encontra atualmente. Essa modificação foi traçada pela maneira como os sujeitos que se enunciavam como traumatizados foram objeto de desconfiança, sob a justificativa de simularem o seu mal-estar, para um outro momento da cultura em que os acontecimentos em si passaram a conferir autenticidade a um lugar de vítima, pois os mesmos passaram a ser nomeados como traumáticos (CANAVÊZ; HERZOG, 2014).

A posição de vítima rotulada a partir de um acontecimento inquieta alguns psicanalistas, pois apresenta, assim como o texto de 1919b de Freud, *Das Unheimliche*, traduzido por *O Estranho*, um estranho familiar, uma angústia diante de uma demanda do outro em gozar através da falta de sujeito, da alteridade, segundo Lacan (2005), e onde, a partir dessa investigação, a angústia sinal pode ser

silenciada através de uma *Verleugnung*¹. Nossa hipótese foi que, no caso dessas enchentes de SC, poderia estar construída uma *Verleugnung*, nas narrativas midiáticas, da diferença social.

Ocorreu um estranhamento diante do que pode ser desmentido ou denunciado pela repetição de acontecimentos no interior do campo escolhido para esta pesquisa, que foram as narrativas midiáticas sobre a enchente no Vale do Itajaí, SC, pois houve algo que nos inquietou, especialmente nessa enchente, por conta tanto de ser uma reincidência de anteriores quanto por algo extremamente contraditório em sua história: o efeito da enchente na população enquanto preparo para o perigo. Há mais de trinta anos foi criada a Oktoberfest, uma festa de tradições alemãs, nomeada como similar a de Munique, na Alemanha, que foi criada em 1984 com o objetivo de recuperar a economia após a enchente de Blumenau, em 1983. A Oktoberfest de Munique é um festival de cerveja criado a partir da celebração do casamento do rei bávaro Ludwig, em 1810. Essa “Festa de Outubro” está marcada pelas enchentes recorrentes na primavera na região de Blumenau, SC. E como outro efeito marcante, em julho de 2015 foi criada pela Prefeitura desta cidade o Alertablu, um Sistema de Monitoramento e Alerta de Eventos Extremos de Blumenau, um aplicativo androide. Se por um lado foram criadas alternativas para a reconstrução econômica ou para servir de alarme ao sinistro, por outro as enchentes se tornaram mais frequentes e com maiores proporções na cidade.

As enchentes na região do Vale do Itajaí-Açu, SC, são recorrentes e obtiveram muita repercussão na mídia, principalmente no ano de 2008. Porém, foram as narrativas midiáticas da enchente de 2014 que tomaram o interesse desta pesquisa por serem mais recentes e porque foi posteriormente a ela criada o Alertablu.

O percurso teórico utilizado como alicerce para esta investigação foi proposto a partir de dois eixos no desenvolvimento da psicanálise: a repetição e o trauma. A repetição e a relação entre o sujeito e a sua preparação para o perigo foram temas investigados por Sigmund Freud desde 1895, em *Estudos sobre a histeria*, no *rascunho K* de *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess* e em *Projeto para uma psicologia científica*. A compreensão da reincidência não casual nem arbitrária de acontecimentos, bem como a diferença entre susto, angústia e medo como formas

¹ *Verleugnung* – termo utilizado por Sigmund Freud e traduzido por negação ou desmentido (HANNIS, 1996, p. 303).

distintas de o sujeito lidar com os mesmos, foi trabalhado por ele tanto nas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1917[1916-1917]) como em *Além do princípio do prazer* (1920). Essa distinção fez com que ele propusesse diferentes teorias sobre o trauma ao longo de toda a sua obra e, portanto, o estudo desta temática envolveu a compreensão da relação do sujeito com a realidade e do conceito de repetição. Freud apresentou sua teoria sobre a repetição de eventos no início da obra e sobre a compulsão à repetição em 1920, momento pelo qual, segundo Joel Birman (1997, p. 54), a questão da repetição se transformou na matéria-prima do ato de psicanalisar. Enfocamos este momento para identificar que a repetição, enquanto reincidência de acontecimentos, foi então um dos alicerces conceituais utilizados para esta investigação, por compreendermos que ele foi o articulador de mudanças nas teorias do trauma.

Percorremos, durante a revisão de literatura sobre o tema, a argumentação de Paulo Vaz e Gaelle Rony (2011), pesquisadores nas áreas da filosofia e comunicação, sobre o lugar da singularidade histórica de um acontecimento. Para eles, essa não está no evento trágico, mas na forma de interpretá-lo. Eles pesquisaram, a partir de reportagens em revista e TV, sobre eventos provenientes de catástrofes naturais no RJ com mais de 20 mortes, de que forma as narrativas se adequavam à política da vítima e perceberam como a forma de denúncia ao Estado foi se modificando nos últimos quarenta anos. E, ainda, alicerçaram à sua discussão a observação de como a política da piedade foi substituída pela política de vítima virtual. Mostraram como outras mudanças foram se fazendo presentes; não havendo, segundo eles, mais remissão a um Estado que sustenta e reproduz desigualdades sociais, mas a um Estado ineficiente, que intervém onde não deveria e é caracterizado por corrupção.

Utilizamos esse tema da política da vítima como um conteúdo também pesquisado e observamos, em nossa pesquisa, que o Estado foi tomado como vítima e esse foi um dos pontos no interior do conceito de *Unheimliche*² diante da repetição dos acontecimentos que nos serviu de apoio para o paradoxo criado entre os temas de piedade³, conceitualizado por Hannah Arendt (ARENDR apud

² *Unheimliche* – Termo utilizado por Freud e traduzido por estranho, sinistro, inquietante (HANNIS, 1996).

³ Piedade- termo trabalhado por Hannah Arendt (2011), enquanto política da piedade, em seu livro publicado pela primeira vez em 1963, *Sobre a Revolução*.

SIQUEIRA, 2011), e fraternidade, tema desenvolvido por Birman (2006), diante da ideia apresentada pelas narrativas de que a prevenção de dificuldades poderia ser efetivada por uma previsão climática mais assertiva. O outro ponto dentro desse conceito foi o tema da angústia sinal, trabalhado perante o que diferencia o que já é conhecido e previsto de o que pode um aparente imprevisto encobrir.

É importante esclarecer que as narrativas midiáticas foram utilizadas como campo de associação com articulações teóricas dentro de um percurso psicanalítico. Conforme Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), os meios de comunicação são uma forma de muro de linguagem no qual são construídas imagens que falam pelos e para os indivíduos. Ou seja, para esses autores, não são os sujeitos que falam através dos meios de comunicação, mas a mídia que fala por eles. Porém, diante dessa pesquisa, destacamos que estivemos ocupados com a forma como essas narrativas calam a subjetividade e acrescentamos como hipótese que isso ocorre através de narrativas de uma aparente angústia sinal em substituição ao estranhamento. Portanto, não interpretamos sujeitos a partir de seu lugar histórico e sua posição subjetiva, mas compreendemos o discurso presente nessas narrativas midiáticas utilizando a figura de vítima e tendo como corpo teórico a psicanálise.

Acontecimentos abordados pela cultura como geradores de vítima encobrem não apenas diferenças sociais como revelam enlaces entre a crueldade e a confusão de linguagens que, quando revelados e interpretados, podem trabalhar na contramão da destrutividade.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as narrativas midiáticas sobre a enchente de 2014 no Vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina, observando a temática da vítima a partir do referencial psicanalítico de repetição e de trauma.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Verificar de que maneira a figura da vítima foi descrita ao longo das narrativas midiáticas sobre a enchente escolhida como objeto desta pesquisa;
- b) descrever como foram denominados os acontecimentos ao longo das narrativas midiáticas dessa enchente;
- c) compreender a partir da descrição da reincidência de acontecimentos e da teoria psicanalítica sobre repetição, como aparece a *Unheimliche*;
- d) desconstruir a ideia de traumatismo como causador de vítimas, observando as contradições entre despreparo para enchente e susto e as previsões climáticas, e compreender o que essa contradição revela e encobre, utilizando o conceito de angústia sinal.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A *nova linguagem do acontecimento* é um termo descrito pelos antropólogos Didier Fassin e Richard Rechtman (2009) a partir do estudo sobre como a ideia de trauma se expandiu na sociedade contemporânea. Tanto a classificação mental do estresse pós-traumático como categoria diagnóstica da psiquiatria quanto o reconhecimento de pessoas como vítimas, criaram uma descrição de fato sem que o que é dito sobre trauma não ficou mais restrito a um vocabulário psiquiátrico, mas tornou-se uma questão manipulada pelo jornalismo e organização de suporte. Eles propuseram que a leitura crítica de trauma rejeita uma naturalização desse conceito, e salientaram que não é apenas uma questão de diferenciações ou estudos teóricos, mas uma posição ética, pois, a partir da afirmação da dimensão tática do trauma, podemos reconhecer a inteligência social dos atores envolvidos em acontecimentos e examinar com crítica a nossa intervenção. Nesta pesquisa faremos uma revisão dos conceitos de trauma e repetição em psicanálise utilizando o percurso teórico em Sigmund Freud e Sándor Ferenczi, com o objetivo de trabalhar o tema da realidade e da fantasia relacionados ao primeiro conceito bem como o de compulsão e desmentido associados ao segundo; contando, para tanto, com o estudo de psicanalistas contemporâneos como André Green, Jacques Lacan, Jean Laplanche, Joel Birman e Luis Claudio Figueiredo, além dos filósofos Gaele Rony, Márcio Seligmann-Silva e Paulo Vaz.

Trauma e repetição são dois conceitos psicanalíticos apresentados aqui a fim de analisarmos o conteúdo vítima nesta pesquisa. Como estudo preliminar, revisamos teoricamente como Sigmund Freud situou o tema das tradições e da repetição na cultura a partir de dois textos, *A questão de uma Weltanschauung*⁴ (1933[1932]) e *Moisés e o monoteísmo: três ensaios* (1939[1934-38]). No primeiro, ele desenvolveu a crítica de que a psicanálise não poderia se tornar uma *Weltanschauung*, palavra que em alemão significa uma construção intelectual que soluciona todos os problemas, como uma religião que propõe felicidade e proteção definitiva nos altos e baixos da vida e direciona os pensamentos e ações através de preceitos. A religião tenta satisfazer a sede de conhecimento do homem mediante a promessa de acalmá-lo em relação aos destinos e perigos da vida, quando lhe

⁴ *Weltanschauung* – Termo utilizado por Freud e traduzido por visão do universo em nota de rodapé do tradutor de Jayme Salomão, porém mantida a palavra original alemã na edição de 1980.

acena com um final feliz e um conforto através da proteção divina a partir de uma organização de proibições e orientações. Em psicanálise, qualquer promessa de conclusões fechadas não abriria espaço para o novo, nem para as indagações científicas que não são satisfeitas com alívio. E, em 1938, em *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*, Freud (1939[1934-38]) retomou as ideias de *Totem e Tabu* (1912-1913), de que cada sujeito renunciou a adquirir a posição de pai para si e de possuir a mãe e as irmãs, surgindo o tabu do incesto e a injunção à exogamia, e acrescentou a sua ideia de que 'se presumíssemos a sobrevivência de traços de memória na herança arcaica, poderíamos cruzar o abismo existente entre a psicologia individual e a de grupo: poderíamos pensar os povos tal como fazemos com indivíduos neuróticos' (Freud, 1939[1934-1938].p.121). Uma recordação pode fazer parte de herança arcaica quando um acontecimento foi importante ou muito repetido, ou as duas coisas. Ele acreditava que 'a herança arcaica torna-se ativa, isso é, despertada quando ocorre uma repetição real e recente de um acontecimento semelhante'.(Freud, 1939[1934-1938].p.121).

Portanto, se por um lado Freud (1939[1934-38]) havia investigado a origem das tradições, de outro, nesta obra, ele deu importância ao novo, ao diferente. Apontou que uma nova verdade despertava resistências emocionais na cultura, citando a história e a conquista de Darwin como exemplo disso, bem como toda a sua compreensão sobre a questão do monoteísmo judaico. As resistências relativas à teoria da evolução de Darwin encontraram expressão em motivos pelos quais as provas em favor de uma teoria impopular não podiam ser apresentadas e debatidas; portanto, conclui-se, primeiramente, que o combate a determinadas opiniões leva tempo. E essa sua ideia foi apresentada em associação às suas concepções sobre os sintomas da neurose traumática: haveria um período de latência, como um período de incubação em alusão às doenças infecciosas, compreendido entre um fato inteligível e a sua reação a uma concussão. Ele apresentou a teoria de que o que aparecia como narrativas posteriores referia-se a fatos e períodos anteriores, alguns ocorridos e outros criados e encobridores e que haviam diferenças entre a transmissão oral e os registros escritos, na forma de encobrir, ou através de diferentes gerações, na primeira, ou em formas de falsificar um reconhecimento de fatos, na segunda.

A historicidade do acontecimento foi relativizada nos relatos escritos nessa obra de Freud de 1939. Euzema G. de Moraes e Cláudia M. Perrone citaram a

problematização que Cathy Caruth (1996 apud MORAES; PERRONE, 2014) propôs na dificuldade em escrever a história a partir do paradigma novo proposto nesse texto: não se trata de compará-la com o que aconteceu na realidade, porém, de recriá-la, de descobrir a sua transmissibilidade.

Esse paradigma citado, de certa forma, retomou também o significado dos efeitos de um acontecimento dado por Freud em sua conferência de 1917. A partir da Equação Etiológica das Neuroses, escrita nesse ano, a história de um fenômeno deve considerar a concepção de série complementar. Essa equação pressupõe a relatividade no relato sobre os acontecimentos e traumas e abriu espaço para serem consideradas impressões experimentadas e depois esquecidas com efeitos em manifestações posteriores. Uma experiência atinge o seu caráter traumático em resultado a um fator quantitativo. Porém, é irrelevante a distinção entre etiologias traumáticas e não traumáticas quando o conceito de série complementar é considerado (FREUD, 1939 [1934-38]).

Trazemos essa concepção inicial sobre trauma revisto em 1939 por Freud, no qual há um trauma primitivo, defesa, latência e desencadeamento da doença, pois ele, ao mesmo tempo em que formulou o desenvolvimento da neurose no indivíduo, apresentou a hipótese que algo semelhante ocorria na espécie humana (FREUD, 1939 [1934-38]). E essa pontuação tanto da relatividade dada à história escrita quanto da importância da posterioridade dos efeitos de um acontecimento nos interessa especialmente, já que estaremos lidando com as narrativas midiáticas escritas sobre acontecimentos.

Utilizaremos narrativas midiáticas como instrumento desta pesquisa e apresentamos o que Francisco Fonseca (2011) definiu como órgão de mídia: as emissoras de TV, rádio, jornais, revistas, portais, que prestam serviço enquanto complexos meios de comunicação que envolvem mensagem e recepção, e, ao utilizar as reflexões de Terry Eagleton sobre poder e comunicação, acrescentou a definição: meios de comunicação cuja manipulação dos elementos simbólicos é a sua característica central (EAGLETON, 1991 apud FONSECA, 2011).

Iniciamos então essa introdução teórica pela crítica proposta no cerne da opinião de Freud que a psicanálise não se tornasse uma *Weltanschauung* (FREUD, 1933[1932]) em função da tendência das pessoas à síntese e à resistência à psicanálise, pois esse será um dos eixos norteadores de nossa discussão no que se

refere à relação direta realizada pela cultura entre a exposição à violência e ao rótulo de traumatizada.

3.1 A FIGURA DA VÍTIMA E A NOVA LINGUAGEM DOS ACONTECIMENTOS

O conceito de vítima foi utilizado nesta pesquisa a partir da compreensão que Didier Fassin e Richard Rechtman (2009) realizaram sobre a figura de vítima traumática ser tomado como um rótulo de autenticidade de sofrimento desde os anos 1980, juntamente com a publicação do DSM III, onde houve a inserção da descrição da classificação *estresse pós-traumático*. Esses autores, através da criação de *O império do trauma*, compreenderam com profundidade a condição da vítima traumática. Nessa obra, percorrendo a questão do trauma, lembram que, há pouco mais de trinta anos, ela era pouco evocada fora do círculo fechado da psicologia ou da psiquiatria, pois as vítimas eram raramente tomadas como vítimas e o trauma não as legitimava. Atualmente, um fato legitima o estresse pós-traumático e a categoria dada às pessoas presentes em um acontecimento é a de vítima.

Não se duvida dessa nomeação, na sociedade do sofrimento legitimado a partir de um acontecimento, e esses autores questionaram essa mudança ocorrida nesses anos, em que antes o trauma era visto como uma condição suspeita para um momento em que ele é justificado pelo fato, valendo-se das ideias de Foucault sobre o *regime de verdade*. Segundo Foucault (1994 apud FASSIN; RECHTMAN, 2009), cada sociedade possui seu próprio regime de verdade, ou seja, cada sociedade acolhe um discurso como sendo verdadeiro⁵. E esse discurso escolhido não está isento de um interesse político ou econômico. Jogos de verdade são onipresentes, pois, é a partir deles que se constroem concepções de possibilidade da constituição dos objetos de conhecimento assim como da possibilidade de modos de subjetivação dos indivíduos.

Jogos de verdade não tratam da descoberta do que é verdade, mas das regras que possibilitam a construção do discurso de um sujeito sobre o que é verdadeiro ou falso em relação a certo objeto. Essa mudança referida, então, passou

⁵ Essa expressão 'regimes de verdade' foi utilizada por Foucault em 1994 em um texto derivado de uma discussão de mesa redonda com um grupo de historiadores em 20 de maio de 1978 (FASSIN; RECHTMAN, 2009. p.5)

por dois lados. Um deles é o da psiquiatria e da psicologia, que colocaram o estresse pós-traumático como um eixo fundamental em relação às pessoas que sofreram violência; há um eixo da vitimologia e o da psiquiatria humanitária. Por outro lado, há uma maior generalização da ideia de trauma, uma concepção moral de doença associada ao fato concreto. Atualmente, o estresse pós-traumático não

faz parte apenas do discurso da psiquiatria, ele se encaixou no uso comum. Sendo assim, o trauma criou uma 'nova linguagem do acontecimento' (FASSIN; RECHTMAN, 2009).

Fassin já analisava, desde 1998, as intervenções na saúde pública, segundo as autoras Ana Cecília A. de M. Weintraub e Maria da Penha C. Vasconcellos (2013), com a proposta de uma transformação da realidade vivida pelas pessoas e não um modo moral de intervenção para lidar com grupos de excluídos e indesejados na França, onde havia um reforço de exclusão social. Elas diferenciaram a ideia de sofrimento social proposto por Kleinman (1997 apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013) em que o sofrimento é necessariamente social, pois ocorre a partir de uma experiência interpessoal e intersubjetiva e por Fassin (2004 apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013), que priorizou a compreensão do sofrimento como um modo de individualizar os resultados de situações e posições sociais provenientes de um contexto mais amplo. Fassin (2004 apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013) destacou o olhar de Veena Das sobre o sofrimento como resultado de violência e de memória de representações, íntimas, midiáticas e coletivas e questionou-se sobre a discussão a respeito da não possibilidade de acesso à representação da memória de situações quando a dor é extrema.

A problematização do sofrimento e da compaixão foram seus interlocutores e, como operadores coletivos, considerou a noção de trauma, de traumatismo e de governo humanitário. E, junto com Rechtman, desenvolveu a interpretação de que o trauma coletivo pode esconder uma exclusão moral de certos grupos. Eles analisaram como o trauma se tornou um operador contemporâneo de disputas políticas, de ações privadas e públicas, de saúde e de indústrias biomédicas e como os sentimentos morais legitimaram práticas coletivas de vitimização e compaixão (WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013).

Fernanda Canavêz e Regina Herzog (2014) fundamentam-se em Fassin e Rechtman (2009) para fazer a distinção entre os conceitos de trauma e

traumatismo. Ao fazê-la, indagaram-se sobre as diferenças e semelhanças entre o discurso que inaugurou a psicanálise e o atual sobre o sujeito traumatizado. “*O sujeito freudiano é, por excelência, traumatizado*”: afirmação de Canavêz e Herzog (2014) com a qual concordamos. Trauma, como conceito psicanalítico, está marcado por um excesso pulsional, está relacionado com a saída de uma ordem já dada, pois ele ocorre através do inesperado, já o traumatismo como conceito baseado na obra de Fassin e Rechtman (2011 apud CANAVÊZ; HERZOG, 2014) faz parte do senso comum, possui um caráter descritivo e prescritivo, pois busca ação e reparação. Elas realçaram a ideia desses autores de que, com o peso dado ao acontecimento, pode ser cristalizada uma identidade vitimizada àqueles que buscam um reconhecimento social, às custas da invenção de si que poderia ser suscitada pelo trauma. Trauma está relacionado a algo único e específico. A cultura faz uso do traumatismo a fim de universalizar sentidos singulares do trauma, através de construção de parâmetros, maneiras de intervenção e prevenção. O peso no traumatismo é dado ao acontecimento e o sujeito entra como um acessório reconhecido com um lugar de vítima (CANAVÊZ; HERZOG, 2014).

Na conclusão da versão ampliada da apresentação de Canavêz e Herzog (2014), Canavêz (2015) propôs que o discurso psicanalítico poderia problematizar a “nova economia moral”, conceituado por Fassin e Rechtman (2011 apud CANAVÊZ, 2015), a partir do modelo de releitura de Freud, como um tratamento moral ministrado aos neuróticos de guerra para que seja questionada a imposição atual da identidade de vítima. A psicanálise convoca o sujeito a uma constante construção de si na cultura, e aí afirma-se em sua operacionalidade clínica. Portanto, segundo essa autora, está aí a possibilidade do sujeito diante do trauma: desvencilhar-se das identidades que lhe são atribuídas pela cultura.

Canavêz e Herzog (2014) realizaram uma discussão sobre as continuidades e descontinuidades entre o discurso que formula o traumatismo como orientador da linguagem contemporânea do acontecimento, onde pesa um valor dado às narrativas que falam sobre as vítimas, e o inaugural da psicanálise, originado na clínica das histerias. Se por um lado, referente à figura do trauma, o sujeito freudiano se tratava de um sujeito traumatizado, por outro há uma descontinuidade no que diz respeito à figura da vítima. Isso porque haveria uma mudança entre a concepção de sujeitos traumatizados que foram alvo de suspeita por se acreditar na simulação dos mesmos, para outro paradigma em que o traumatismo mostrou-se requisito

exclusivo para depositar nestes um rótulo de vítima. Freud, como salientaram as autoras, deslocou o julgamento moral para uma clínica orientada pelo lugar do sujeito frente ao seu trauma particular, para além, inclusive, do acontecimento em si. O trauma foi marcado tanto pelo excesso como pela inexistência de preparo para lidar com a intensidade excessiva e, segundo Canavêz e Herzog (2014), na obra freudiana, não houve a preponderância de um desses fatores na atribuição do caráter traumático à experiência. Diferenciaram de traumatismo, enquanto construção social na qual a cultura enaltece a vítima e a concepção de susto não está presente, pois os eventos estão previstos, porém, é extrapolado o registro de inesperado, a fim de exaltar um uso do traumatismo.

O peso no traumatismo, portanto, está no acontecimento e não na falta de preparação por parte do sujeito singular, como acontece no trauma. Porém, há duas ideias presentes no traumatismo apenas enquanto discurso: o inesperado e a solidariedade. Apenas enquanto discurso, porque encobrem o fato de que a falta de prevenção presente nos eventos foi provocada por outras razões que denotam a falta de um cuidado e não de algo inesperado, e que o a utilização do termo solidariedade como piedade esconde a falta de um reconhecimento de diferenças enquanto alteridade e marca de fraternidade.

Moisés Kopper (2014), outro autor ao revisar a obra de Fassin, nomeou a definição que ele mesmo realizou de sua obra, em várias ocasiões, como uma ontologia da desigualdade. Kopper (2014) observou que ela pode ser articulada a partir de dois pontos centrais: pelo método etnográfico e pela noção foucaultiana de “problematização” como uma maneira de desenvolvê-lo, e, ainda, que a sua potencialidade está em refletir fenômenos a partir de configurações históricas específicas. Ele demonstrou para isso as formas refletidas por Fassin sobre os limites das intervenções humanitárias.

Se, por um lado os antropólogos criticam, e, por outro, são engajados empaticamente nessas intervenções, Fassin preocupou-se com a transformação do “humanitário” de substantivo abstrato à adjetivo político, pois observou a coexistência de uma política de desigualdade e de uma política de solidariedade. Há um governo baseado na compaixão, onde a súplica argumenta-se na miséria e através da produção de prova na qual sujeitos são tornados vítimas e onde as vidas são definidas a partir de quem possui poder sobre elas, marcando uma desigualdade (KOPPER, 2014).

Fassin questionou sobre quais seriam os ganhos e perdas quando utilizamos termos do sofrimento a fim de falar de desigualdade, como reconhecimento do trauma em vez da violência e uma mobilização da compaixão em vez da justiça (FASSIN, 2011 apud KOPPER, 2014). E Kopper (2014) realçou essa pergunta inquietante a fim de demonstrar como as reflexões desse autor se inserem nos limites entre crítica e intervenção, como dois lados de uma mesma moeda, tanto debatendo dilemas morais como produzindo uma ética em ação.

Fassin (2006 apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013) analisou o tratamento dado à pobreza, às vítimas de catástrofes e guerras, aos migrantes, do ponto de vista do corpo e da racionalidade humanitária, em pesquisas realizadas sobre relações sociais, políticas e morais nas sociedades contemporâneas. Para ele, o que impacta o pensamento das políticas públicas e das ações privadas são os sentimentos como a empatia, a preocupação com o outro, a sensibilidade ao mal-estar desse outro, assim como uma busca pela proximidade e uma atração pela intimidade ao lado de uma postura de total indiferença ao outro e a sua exclusão, ou seja, uma “invenção do sofrimento social” (FASSIN, 2006a apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013). Há um movimento da compaixão e uma preocupação com a individualização sobre as consequências de situações e posições sociais na compreensão do sofrimento na contemporaneidade (WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013).

Das (2007 apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013) recorreu aos trabalhos de Ludwig Wittgenstein, conforme citação de Fassin (2004, apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013), ressaltando que a compreensão do sofrimento envolve uma pesquisa por meio do outro e não no outro, a fim de apontar o modo de lidar com a dificuldade relativa ao fato de o sofrimento consistir na posse de uma marca de alteridade, entre aquele que sofre e quem é testemunha. E, na escuta do sofrimento e da violência, ela destacou que o sofrimento nem sempre pode ser representado pela linguagem, mas ele fala além de si (WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013).

Se por um lado o sofrimento fala além de si, em algumas situações, o sentimento de que um trauma é coletivo pode encobrir uma crise: essa observação também foi publicada por Fassin e Rechtman (2007 apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013) quando refletiram sobre crises e catástrofes em que a referência a um trauma reforçava uma exclusão moral de alguns grupos e

observaram que se manifestava por meio da compaixão e afetos de solidariedade (WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013).

Seguindo ainda o tema da compaixão, utilizamos esse termo utilizado por Arendt e diferenciado de piedade em seu livro publicado pela primeira vez em 1963, *Sobre a Revolução*, e o percorremos a partir de duas vias apoiadas em suas ideias: pelo conceito de vítima virtual, estabelecido pelos filósofos Paulo Vaz e Gaelle Rony (2011), e pelo percurso realizado por Márcio Seligmann-Silva (2009), no estudo deste conceito através de alguns autores.

A primeira via apresentamos através do conceito de vítima virtual desenvolvido por Vaz e Rony (2011), a partir da ligação entre essa nova linguagem dos acontecimentos descrita por Fassin e Rechtman (2009) e o seu efeito nas narrativas midiáticas. Esses filósofos, numa pesquisa realizada sobre a narrativa midiática, tanto em semanários impressos, como em telejornais, sobre 52 mortes ocorridas na cidade de Angra dos Reis, RJ, devido a uma tempestade forte ocorrida em 2010, observaram que esse, assim como outros eventos apresentados como uma interrupção súbita e aleatória da vida cotidiana, causou vítimas entre os mais pobres, porém esse detalhe, colocado entre aspas, não aparece nas narrativas. Na visão de Vaz e Rony (2011), o conceito de estresse pós-traumático contribuiu para uma generalização e para a formação de uma condição de vítima, ideia de Fassin e Rechtman (2009), mas também a partir da classificação no DSM-IV, passou a abranger aqueles que testemunhavam os eventos e se tornavam vulneráveis, ao ponto de que os acontecimentos poderiam atingir a qualquer um e com provável repetição, todos passaram a ocupar a posição de vítimas virtuais.

A partir da década de 1990, as notícias sobre crimes no RJ apresentavam sistematicamente duas características: a ideia de que qualquer um pode ser vítima, pois os acontecimentos se repetem e de que o crime aconteceu por negligência do Estado. E como a figura da vítima na atualidade foi generalizada tanto a partir do conceito de estresse pós-traumático como através da ideia, após o 11 de setembro, de que até quem assistiu ao acontecimento pela televisão ficou traumatizado, todos tornaram-se vítimas virtuais de forma genérica (VAZ; RONY, 2011).

Vaz e Rony (2011) retomaram algumas características que definem a política da piedade para analisar a sua tradução desse modo específico de narrar um sofrimento e elaboraram o conceito de vítima virtual. Conceberam a ideia de que a necessidade de reconhecer o sofrimento de um estranho é o alicerce para que a

política da vítima virtual substitua a política da piedade conceitualizada por Hannah Arendt. Eles diferenciaram, baseados em Arendt (1965 apud VAZ; RONY, 2011), compaixão e piedade, a fim de apreender o posicionamento dos que não sofrem frente ao sofrimento de estranhos e compreenderam essa diferença na contemporaneidade, a partir de Fassin. Segundo Arendt (1965 apud VAZ; RONY, 2011), a compaixão tem na crucificação de Cristo seu protótipo; trata-se de uma exposição ou narração de um sofrimento único, fortemente individualizado. Já na piedade, o sofrimento representado tem caráter exemplar, pois pretende ser a representação de uma realidade coletiva e está dirigida a uma massa sofredora indiferenciada. A crença de Fassin (2002 apud VAZ; RONY, 2011) é de que essa distinção esteja desaparecendo e observaram que, de um lado, os meios de comunicação orientam a compaixão ao narrarem um sofrimento falando de indivíduos concretos e com uma história apresentada, e, de outro, eles marcam como a sua morte irá terminar com o futuro dos outros.

Na política da piedade há a busca por transformar a solidariedade com estranhos em causa. Quem está diante do sofredor não pode ajudar local nem imediatamente; porém, as narrativas que representam essa política estabelecem uma articulação entre o sofrimento e as condições sociais que sejam sustentadas por determinado arranjo político. Elas promovem a perspectiva de que ser solidário significa uma ação quase improvável de transformação da sociedade, mostrando o que foi visto para os outros para mobilizá-los e despersonalizando o sofredor na perspectiva de transformá-lo num exemplo de uma condição que afeta a muitos (VAZ; RONY, 2011).

Esses filósofos acima citados (2011) traçaram um percurso histórico e diferencial sobre as narrativas midiáticas da política da piedade e da produção de vítima virtual. As primeiras narrativas eram endereçadas àqueles que não sofrem, mas observam o sofrimento dos que sofrem com piedade e deveriam agir politicamente com a finalidade de diminuir o sofrimento de quem está infeliz. Nos séculos XIX e XX, a responsabilidade de audiência foi concebida como uma lógica de que a felicidade de uns resultava na infelicidade de outros e que a passividade aumentava o sofrimento e que uma ação, dada a partir da teoria da exploração, o reduziria. A audiência ficava em dívida com aqueles que eram apresentados como sofredores. Na política da piedade, a retórica tende a incluir o “sistema capitalista” como a causa do sofrimento. E, em sua forma narrativa, o sofredor é

despersonalizado e possui um sofrimento que serve como exemplo e conectado a uma condição determinante de infelicidade. Já, no presente, quando é produzida uma vítima virtual, ela corresponde a um sofredor não anônimo e com detalhes de sua vida pessoal, a fim de que tanto a audiência se identifique com ela quanto para marcar uma inocência. Essa observação reforça a concordância desses autores com Fassin (2002 apud VAZ; RONY, 2011) de que a diferença entre piedade e compaixão esteja se desfazendo.

Como segunda via então sobre o conceito de compaixão, destacamos o trabalho de Márcio Seligmann-Silva (2009), pelo seu percurso por vários autores, desde Friedrich Nietzsche a Walter Benjamin, sobre a construção crítica do mesmo e, apoiado em Arendt e Foucault, sobre como o biológico entrou na política a partir do conceito de piedade, desenvolvido sobre um pensamento político apoiado nas necessidades de sobrevivência. A política passou a ser a gestão de vida e a exaltação do sofrimento tornou-se uma fonte de virtude, e a solidariedade, segundo Arendt, que inclui a identificação, presente na compaixão e na piedade, passou a ser pensada, após Marx, como identidade com a vontade do povo (ARENDRT, 1988, apud SELIGMANN-SILVA, 2009). Ele apontou mais algumas diferenças, além daquela já referida acima por Vaz e Rony (2011), entre compaixão e piedade proposta por Arendt, a compaixão seria um cossofrimento, como se o sofrimento de um fosse contagioso em outro, e ela não cria instituições políticas duráveis, sendo sempre violenta, e já piedade é um sentir sem ser tocado, possuindo uma capacidade maior para crueldade que a própria crueldade.

A partir das obras de Horkheim e Adorno, Seligmann-Silva (2009) ressaltou que a compaixão seria fundamental para a moral pós-Auschwitz, diferenciada da antiga solidariedade, ao redor da miséria do povo, mas situada na biopolítica, ao passo que a moral poderia ser pensada a partir de necessidades extremas. E, segundo ele, esses autores mostraram que a compaixão confirma a regra de desumanidade a partir da prática da exceção em seu interior, pois acata a lei da alienação universal com a tarefa de diminuí-la, porém reafirmando sentimentos sublimes de um filantropo, como uma deformação narcísica através da confirmação das diferenças entre ricos e pobres.

Seligmann-Silva (2009) refletiu sobre quanto a compaixão, levando consigo uma mensagem humanista de liberdade e piedade, pode revestir a violência através da ideia de semelhança, criando o próprio e excluindo o outro com um objetivo de

domínio e colonização. A dialética razão ocidental e compaixão conduziu à destruição das diferenças por baixo da capa da solidariedade, utilizando para isso de um dispositivo trágico. Ele defendeu a meta de pensar uma ética sem a base da emoção piedosa e da compaixão que movimentam ações solidárias precárias e perpetuam a exclusão.

Voltamos a Vaz e Rony (2011), em sua pesquisa sobre as narrativas do evento em Angra dos Reis, RJ, e a sua análise de narrativas sobre eventos provenientes de catástrofes naturais nos últimos quarenta anos, quando eles observaram como há uma diferença histórica entre a modernidade e a atualidade, ao considerar um evento como necessário ou evitável. Além das diferenças já apresentadas, nesse referencial teórico, entre política da piedade e da vítima, acrescentamos que esses autores marcaram que há, na segunda, uma denúncia ao Estado, e que foi modificando em formato ao longo do tempo.

A partir de 1985, a oportunidade de denúncia foi sendo sintetizada a uma injustiça com razões de sua existência: a marca da desigualdade social. Já em 1996, nas reportagens sobre as chuvas no RJ, a razão do descaso com os pobres modificou, não aparecendo mais uma denúncia a um Estado que sustenta e reproduz desigualdades sociais, mas dando ênfase ao fato de ele ser ineficiente, pois intervém onde não deveria, e não cuida da população em geral, nem faz cumprir a lei, pois possui funcionários demais.

Desde a década de 1990, segundo esses mesmos autores (2011), outra diferença também apareceu: as autoridades passaram a ser criticadas por suas falhas pessoais causarem suas decisões incompetentes, ilegais, corruptas ou populistas; as críticas antes apareciam como falhas na decisão de um governante por representar interesses de um grupo. Até 1983, na enchente em SC, o que aparecia era uma resignação dos sobreviventes à desigualdade. Foi a partir de então, que começou a haver reportagens de indivíduos, ainda sem identificação sobre a sua vida anterior ou posterior aos fatos que os tornaram vítimas, porém com testemunhos com objetivo de sensibilizar as pessoas em relação aos eventos.

Somente a partir da enchente em Santa Catarina em 2008, nessas narrativas midiáticas pesquisadas por Vaz e Rony (2011), houve um privilégio ao ponto de vista do sobrevivente indivíduo traumatizado. No entanto, a utilização do recurso narrativo ligado ao indivíduo não singularizou, apenas cumpriu as funções de idealização e generalização, de como a vida deveria ser se não tivesse sido a incapacidade do

Estado. Eles encontraram uma proximidade entre a descrição dos sintomas do estresse pós-traumático e a reação de quem sobreviveu. Os sobreviventes foram apresentados como quem perdeu capacidade de desejar. Não é mais uma resignação ao lugar da desigualdade social, há uma ideia de que o sofrimento é irrecuperável. A diferença esteve dada no sentido do sofrimento.

Essas narrativas marcaram depois de 2008, especialmente na pesquisa realizada empiricamente de 2010 a 2011, pelos mesmos autores, como nada poderia ser feito diante dos acontecimentos decorrentes das chuvas, reduzindo uma possibilidade de ação coletiva nos sofrimentos humanos pela maneira de pensar a causalidade dos acontecimentos enquanto corrupção e falta de transparência dos governantes. Expondo que essa ideologia dá aos indivíduos o papel de vigias e a sociedade fica diante de uma possibilidade de futuro apenas relativa ao combate à imoralidade. Na política da vítima, conforme conclusão deles, ninguém está em dívida com ninguém, porém, todos estariam em crédito com o Estado.

Pretendemos acrescentar às referências trazidas até agora em nossa caminhada teórica algumas obras da filosofia e antropologia, que versam sobre a ideia de solidariedade como encobridora da compaixão e piedade nas narrativas atuais, um percurso na obra do psicanalista Joel Birman (2006) sobre fraternidade, marcando a diferença em relação ao tema da compaixão.

Trazemos, então, inicialmente, algumas ideias de Birman em 2006, na obra *Arquivos do Mal-estar e da resistência* sobre fraternidade. Ela, segundo esse autor, não se reduz ao círculo familiar, nem se restringe aos laços de sangue. Há irmãos que não compartilham laços fraternais e estranhos que usufruem deles. Na atualidade, para ele, a categoria ética de fraternidade abriu uma outra possibilidade de subjetividade como um antídoto à cultura do narcisismo e à sociedade do espetáculo, ideias de C. Lasch e G. Debord iluminadas por ele a fim de realizar esse contraponto com a sua proposta sobre a fraternidade. Na cultura do narcisismo e na sociedade do espetáculo, o eu está inflado e goza com sua própria grandeza e para isso realizam-se performances através da construção de uma cena promovida para o olhar e onde o desejo está fora da dimensão alteritária da existência quando se desocupa da relação de responsabilidade com o outro.

Birman propõe que o conceito de feminilidade, enquanto reconhecimento do que falta e, portanto, marca de dimensão alteritária, implica cuidado com o outro e é traço fundante da fraternidade. A fraternidade só é possível a alguém que reconhece

a sua não suficiência, quando reconhece o outro como um igual. Porém, o modelo de subjetivação contemporânea está marcado pela ilusória autossuficiência, alicerçado na cultura do narcisismo e na sociedade do espetáculo. Ele se encontra no imaginário do sujeito e contra o qual, então, esse necessita de um trabalho insistente a fim de reconhecer a ilusão da autossuficiência. A fraternidade é a que aparece imersa na precariedade do sujeito e na sua demanda do outro, quando esvazia a superioridade e quando constrói laços com os demais (BIRMAN, 2006).

Utilizando a denominação de desencantamento do mundo de M. Weber, Birman (2006, p.123) entendeu que no imaginário do humanismo, a partir do século XIX, a figura do homem, mediada pela razão e pela ciência, desalojou o poder divino e o processo de racionalização do mundo foi iniciado. A figura da subjetividade passou então a ser fundamentada na exaltação do eu. A medida ética passou a considerar que a despossessão seria possível para cada um com a condição de que o outro devolvesse o que fosse cedido. A psicanálise, considerando o desejo, marcado pela dimensão do descentramento proposto pelo conceito de inconsciente e de sexualidade, promoveu um contraponto à autossuficiência, radicalizado ainda mais através do conceito de pulsão de morte. A leitura freudiana da subjetividade mostrou a oscilação entre dois eixos: por um lado a precariedade e, por outro, a autossuficiência do eu. E isso conduziu ao impasse entre considerar o outro como um igual no interior da condição humana do desamparo, ou acreditar na divinização narcisista baseada na ilusão autossuficiente do eu.

Já era em *Sobre a paixão*, capítulo de Ensaios da Teoria Psicanalítica, que Birman (1993) havia definido que a paixão era a matéria-prima do discurso analítico, sem nunca ter se transformado em conceito básico do saber psicanalítico, porque era condição de possibilidade da totalidade desse discurso. A paixão, segundo ele, se inseriu para Freud, na perspectiva de uma experiência na qual o sujeito busca colocar o outro no lugar do ego ideal e procura nele a sua imagem especular a fim de incorporá-la. Não há, portanto, na paixão, relação de alteridade. Somente uma fenda no ego ideal consegue produzir um confronto do sujeito com sua falta, gerando uma raiva passional violenta pela decepção aplicada ao seu narcisismo. E a saída do jogo domínio/submissão acontece na medida da possibilidade de mediação entre o ego e o seu ideal, ou seja, no limite dado ao seu narcisismo originário.

A sociedade fraterna possui uma tensão permanente que produz um mal-estar insistente decorrente do retorno imaginário da autossuficiência a partir da

pretensão do homem em substituir Deus quanto mais ele se sente desamparado. A psicanálise concebeu uma versão da origem da sociedade humana através de um mito constitutivo, expresso em *Totem e Tabu*. A sociedade moderna emergiu a partir de uma associação de indivíduos marcados pelos limites entre interdições e permissões. Nela, a gestão dos agentes sociais irmanados passou a regular os laços sociais que anteriormente, como nas sociedades pré-modernas, eram mantidos por uma instância absoluta. A castração, marcada pelo reconhecimento da precariedade e da insuficiência de cada um, envolve, portanto, um limite à autossuficiência do eu, sendo assim um trabalho constante, porque o *pai morto* é tanto representante da destituição máxima de poder como a possibilidade ilusória da ocupação de um lugar onipotente (BIRMAN, 2006). Esse trabalho constante necessário à castração seria realizado então pela fraternidade.

Birman (2006,p.137) abriu uma outra perspectiva à fraternidade em sua leitura sobre a sociedade pós-moderna. Ele lembrou que, se o desamparo foi incrementado pelo declínio de utopias que alicerçavam o projeto modernista calcado na igualdade, entre a onipotência e o reconhecimento do outro, ocorrendo um esforço e um impasse diante da destruição e da morte para a sobrevivência da subjetividade, de outra forma que não apenas sucumbir à arrogância e à pretensão de autossuficiência, o universo dos desprivilegiados pode reconstituir a fraternidade como projeto ético e político. A valorização da não faticidade como constituinte do sujeito acentua o oposto à autossuficiência.

A fraternidade, portanto, segundo esse autor, marcada pelo desamparo e pela insuficiência é capaz de inventar a recomposição de laços sociais. Porém, há, na atualidade, a construção de uma ideologia dita humanitária e de um vazio ao redor do que se denomina solidariedade. Ele salientou então a necessidade da consideração plural no conceito de fraternidade e a existência de diferentes modos de fraternidade. Para que o discurso psicanalítico atribua um outro destino à fraternidade, deve ser considerado um registro fora do eixo da rivalidade, dado tanto na leitura freudiana como na da escola inglesa, onde o laço fraterno enfatizava uma rivalidade em função de uma disputa pelo amor paterno e pelo amor materno (BIRMAN, 2006).

As transformações em relação a teoria do trauma também trouxeram mudanças a concepção de pai no interior das formulações. Se com a perda da convicção da teoria do trauma centrada na sedução, Freud abandonou a ideia de um

acontecimento na qual a figura paterna era tomada como perversa, a figura paterna passou a ser uma figura com possibilidade protetora, e outra mudança ocorreu em 1920, em relação novamente a figura do pai, que passou a ser marcada pela condição de falha em prever acontecimentos com efeito traumático e o trauma passou a ser considerado a falta de uma articulação representacional realizada pela figura paterna diante de um excesso pulsional na experiência traumática. Em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, o discurso freudiano passou então a ter uma grande preocupação: o trauma enquanto possibilidade potencial para o sujeito, e a previsão de um efeito traumático que depende então da angústia-sinal. A compulsão à repetição tornou-se a maneira como o psiquismo poderia ser estruturado, onde o sujeito procura ocupar um lugar ativo diante do trauma e do excesso pulsional, buscando, pelo desprazer da repetição, uma antecipação da dor e de uma ameaça de morte psíquica (BIRMAN, 2006). Esse desenvolvimento traçado através de diferentes tempos na obra freudiana representou uma mudança de posição diante do registro da figura paterna, de proteção à falha, essa transformação de visão sobre o desamparo.

A proposta de Birman (2006), portanto, é inovadora, no realce dado à feminilidade: a consideração de outro centro no movimento de irmãos que não apenas a rivalidade e o mortífero. Se, conforme ele, a figura do pai se deslocou de um lugar de proteção da subjetividade para uma posição em que, como fantasma, passou a ser marcada pela falta e pela falha, essa mudança apoiou a sua compreensão da modificação do discurso freudiano desde uma concepção pré-moderna de cultura para uma moderna, ou seja, de que civilização não é apenas um oposto da barbárie, mas também a fonte da mesma.

Sendo assim, ele alicerçou sua concepção sobre a fraternidade na temática do desamparo que, a partir de 1920, foi a condição de possibilidade que passou a marcar a problemática fundamental da subjetividade, pois, diante da dor, o sujeito foi tomado como aquele que busca denegar, recusar e rejeitar essa condição, e o masoquismo, que, desde 1924, passou a ser considerado como primário, abriu espaço para que novas formas de subjetividade fossem então construídas como defesas ao desamparo.

Na leitura da comunidade psicanalítica, a forma mortífera da fraternidade passou a ser vista como uma condição em consequência da falta de um pai protetor e pela competição presente entre os irmãos. A versão freudiana da servidão

voluntária descrita por La Boétie, no Renascimento, seria a presença do masoquismo na entrega degradante do sujeito ao outro na expectativa de que pudesse evitar o desamparo e ser protegido em troca de que esse outro pudesse gozar do seu corpo e espírito (BIRMAN, 2006).

Birman (2006) destacou, então, a feminilidade como uma outra forma possível do discurso freudiano formular o conceito de desamparo. Os laços fraternais poderiam também estar organizados a partir da amizade e da solidariedade, quando se encontra reconhecida a ausência de proteção de um falo, posto na forma de supereu ou de um pai ideal. Para ele, o mal-estar tornou-se uma reflexão ética necessária à leitura das subjetividades contemporâneas. Esse se inscreveu em três registros psíquicos: do corpo, da ação, e do sentimento, e é notado pela suspensão do pensamento. Destacamos aqui a construção que esse autor realizou sobre o mal-estar que atinge o registro da ação e do sentimento associado ao campo da compulsão.

O sujeito encontra-se inundado pelo excesso que o impulsiona à ação, pois, se não conseguisse eliminá-lo, seria tomado por angústia. Esse é o percurso teórico realizado por Freud em 1926 e que Birman (2006) clareou a fim de alicerçar algumas modalidades de ação das subjetividades contemporâneas. A violência sem causa clara e a violência gratuita se banalizaram, assim como a compulsão, enquanto busca pela repetição do mesmo, e a posse de bens enquanto marca de *status* e poder; tudo isso revela o lado mortífero da ação que não é mais específica. Há uma passagem ao ato, com ausência de simbolização, ou seja, um esvaziamento da categoria do tempo, enquanto possibilidade de antecipação das afetações. Com isso, a angústia do real e o efeito traumático acontecem como resultantes, pois o eu é incapaz de antecipar acontecimentos e ocorre uma paralisia psíquica, em decorrência da impossibilidade de delimitar o impacto de intensidades. A repetição possui, assim, como objetivo recriar o trauma a fim de que o sujeito possa se antecipar ao que não conseguiu circunscrever em sua experiência. Porém, essas compulsões estão destinadas ao fracasso e lançam o sujeito para uma desposseção de si, a um sentimento de vazio. O excesso, enquanto fragilidade de temporalização e de riqueza simbólica, não produz angústia-sinal, mas mergulha em um psiquismo restrito à espacialização. A riqueza da proposta de Birman (2006) sobre os impedimentos e as transformações possíveis na sociedade encontra-se na reflexão sobre o mal-estar e a resistência nela presentes. Segundo ele, subjetividade

na contemporaneidade se encontra impedida de transformar dor em sofrimento em função de um limite na interlocução dos sujeitos. Essa mudança seria necessária a fim de que a dor não seja uma experiência na qual a subjetividade se feche sobre si mesma. Para que o mundo possa ter sentido é imprescindível que haja um suporte para que a existência do outro seja um suporte a um apelo que possa produzir sentido a partir de uma mediação (BIRMAN, 2006).

A psicanálise se constitui como uma proposta em libertar o sujeito do determinismo e da canga do inconsciente e, por outra via, o discurso freudiano revelou o masoquismo, onde a servidão adquiriu outra perspectiva. As individualidades, a fim de se protegerem do desamparo, recorrem ao masoquismo como forma primordial de subjetivação. A perda para o sujeito é tanto condição de possibilidade do desamparo quanto permissão de acesso ao desejo e à liberdade, pois é necessário que as individualidades suportem a dor a fim de usufruir do desejo (BIRMAN, 2006).

Os psicanalistas, segundo Birman (2006), a fim conquistar o desejo em desconstruir a servidão e o pacto masoquista na atualidade, deveriam atravessar esse deserto que o horror pelo percurso do impossível promove. Se por um lado a psicanálise abriu espaço para a liberdade em relação ao determinismo, por outro mostrou que as amarras do determinismo não estavam na racionalidade, mas sim no masoquismo decorrente do desamparo. Desconstruir a servidão corresponde ao percurso dos psicanalistas que sustentam romper com um falso amparo.

A diferenciação entre fraternidade e compaixão visa desconstruir esse falso amparo, pois há uma interrogação constante no sentido dado à solidariedade enquanto ideologia que visa encobrir a compaixão ou se está construída na direção de alicerçar uma possibilidade de laços entre os iguais.

Tomando a ideia de laços entre iguais e o tema do semelhante, traçamos agora dois contrapontos: a diferença entre o laço discursivo baseado na concepção de sujeito e de indivíduo, e entre o papel do testemunho e de narrativas midiáticas. Miriam D. Rosa (2004) mostrou que o desafio, diante de discursos que excluem a existência do Outro está em criar uma prática, em se tratando de uma instituição, que considere laços discursivos alicerçados na concepção de sujeito e não de indivíduo. Estamos, nesta pesquisa, diante de narrativas midiáticas que representam uma ideologia e são escritas com a concepção de indivíduo. Pela via do excesso, em um acontecimento tomado pela enchente, descrito pelas narrativas midiáticas,

retornamos a um autor já citado, Márcio Seligmann-Silva (2008), nesse momento como contraponto às narrativas midiáticas, a fim de trazermos algumas considerações do que o autor apresentou como o papel do testemunho com o objetivo de situarmos o papel das narrativas diante dos acontecimentos.

Em primeiro lugar, destacamos a sua consideração a respeito de que a catástrofe não é um objeto novo como campo da filosofia, porém a sua definição modificou. Catástrofe representava um evento inesperado e raro antes do século XX, e passou a ser uma experiência cotidiana e banal do homem moderno (SELIGMANN-SILVA, 2000). Ele caracterizou o testemunho, conforme Primo Levi (1988 apud SELIGMANN-SILVA, 2008), como uma atividade elementar no sentido da sobrevivência. Narrar um trauma possui um sentido primário de desejo de renascer. A memória do trauma, nas catástrofes históricas, é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e daquele construído pela sociedade. O trabalho de memória é uma questão política e, ao mesmo tempo, o testemunho é um modo de memória (SELIGMANN-SILVA, 2008).

O grau de violência, muitas vezes, impede que o testemunho possa ocorrer. E esse último só existe na insuficiência de sua impossibilidade. O trauma acontece quando a memória de um passado não passa; ele é uma ferida na memória. O sobrevivente, assim como o tradutor, está submetido à ditadura da língua que traduz e da língua para a qual está traduzindo. A dificuldade está na verossimilhança entre essas narrativas, ou seja, uma sensação de inverossimilhança do que narra por parte de quem ocupa a posição de testemunho. Por outro lado, o sobrevivente busca a narrativa do trauma como uma tentativa de um mundo menos *Unheimliche*. É fundamental abrir espaço para os hieróglifos de memória que os artistas apresentam como dispositivo testemunhal de fraturas e silêncios efeitos de traumas, e abandonar o testemunho enquanto um terceiro em uma cena de litígio, em um modo de comprovação ou atestação (SELIGMANN-SILVA, 2008).

Retomamos novamente que o campo aqui serão as narrativas midiáticas e não as narrativas de sujeitos, porém trazemos esses contrapontos, tanto de Rosa quanto de Seligmann-Silva, principalmente tomando na perspectiva do último, no sentido do conceito *Unheimliche*, e nos questionamos sobre quais seriam os desafios para um mundo menos *Unheimliche* e onde abrimos para o tema a seguir: a repetição.

3.2 REPETIÇÃO

Joel Birman (1997, p. 54), ao comentar a abertura do capítulo III, de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), retomou a síntese que Freud realizou sobre a história do ato psicanalítico, e mostrou como a questão da repetição se transformou na matéria-prima do ato de psicanalisar. Nos primórdios, com a pretensão do saber da interpretação, o determinismo psicanalítico encontrou seu apogeu. Porém, o que a totalidade do percurso teórico-clínico indicou foi a desestruturação do determinismo psicanalítico nas reformulações do ato de psicanalisar a partir da concepção econômica como um modelo metapsicológico dominante.

Trabalhar nesta pesquisa com o conceito de repetição pretende marcar a importância desse conceito para a abertura de novas construções a partir de rupturas teóricas e a condição de diferença na perspectiva de saída de um modelo determinista.

3.2.1 Novo ou estranho

Semelhanças e diferenças foram elementos trabalhados por Freud desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1950), em sua formulação sobre a memória ser representada por diferenças de facilitação entre os neurônios ψ e de que as qualidades presentes na consciência compreendem diferenças e semelhanças na relação do sujeito com o mundo externo. A ideia de repetição foi sendo trabalhada associada a essa comparação, pois se a memória depende de diferença entre as facilitações, essas dependem da frequência com que uma impressão se repete.

Em *Das Unheimliche, O Estranho*, também traduzido por *O Inquietante e O Sinistro* (HANNIS, 1996, p. 231) texto em que Freud (1919b), um ano antes da publicação de *Além do Princípio do Prazer*, trabalhou sobre a inquietante ideia de que a repetição aponta um estranho-familiar. O estranho é a categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. Nem tudo o que é novo e não familiar é estranho. Algo deve ser acrescentado ao novo. A fim de esclarecer ao que este algo estaria referido, ele, além de uma investigação minuciosa sobre a palavra *Unheimliche*, investigou algumas questões da literatura na qual a estética aponta para o estranho. A incerteza em uma história literária em ser

uma figura um ser vivo ou autômato cria no leitor um sentimento de estranheza. O temor das crianças em perder os olhos nos contos está remetido ao temor à castração e causa também estranheza (Freud, 1919b, p. 288). Nessa investigação, percebeu que o outro aspecto que também causa estranheza nas histórias é o fenômeno do duplo, da repetição dos mesmos aspectos, características, crimes, vicissitudes, nomes ou situações. E a essa repetição que causa estranhamento fez seguir ele a sua pesquisa e essa sequência nos interessa aqui.

Freud (1919b, p. 293) citou Otto Rank em seus estudos sobre o duplo. Historicamente, o duplo era originalmente uma segurança contra a morte e, provavelmente, a alma imortal foi o primeiro duplo do corpo. Porém, o duplo inverteu o seu aspecto ao longo do tempo. Após ter sido uma garantia de imortalidade, transformou-se em estranho anunciador da morte. Mas, segundo Freud, no mesmo texto, a qualidade de estranheza adveio do fato de o duplo ser uma criação de um estágio mental primitivo, superado, em que o duplo tinha um aspecto amistoso. Porém, o duplo converte-se em objeto de terror quando este aspecto é revertido, “os deuses se transformam em demônios” (FREUD, 1919b, p. 295).

O retorno involuntário à mesma situação pode causar uma sensação de estranheza e de desamparo. O que quer que lembre a compulsão à repetição é percebido como estranho (FREUD, 1919b). Assim, Freud (1919b) formulou a hipótese de que o estranho seria algo secretamente familiar, submetido à repressão e que depois teria retornado. A morte aparente e a reanimação dos mortos são representações de temas estranhos, pois eles estão ligados a desejos infantis. E ampliou esse estudo recorrendo à literatura, na qual observou que há muito mais meios de criar efeitos estranhos que na vida real. Os fatores do silêncio, da escuridão e da solidão são elementos formadores da ansiedade infantil dos quais a maioria dos seres humanos nunca conseguiu se libertar inteiramente.

Entre esses dois textos citados acima, acrescentamos o percurso realizado por Freud sobre o tema repetição. Para tanto, utilizaremos o sonho de uma senhora, citado em *Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900). Ela sonhava com uma fórmula: “em caso de repetição de pedidos, é suficiente mencionar o número” (FREUD, 1900, p. 588). Esta fórmula, no sonho manifesto dessa senhora, pode nos ajudar em nossas associações aqui. No lugar da repetição, está a quantidade.

A investigação psicanalítica observou de perto o fenômeno da repetição. O que repete trouxe um sinal de associação aos acontecimentos e, ao mesmo tempo,

realizou a diferença entre o acaso e a causa. A repetição passou a servir como um ponto de abertura a inquietações e a pesquisa e não como um fechamento em explicações de causalidade.

Wiederholen foi a palavra que Freud utilizou, no texto “Recordar, Repetir e Elaborar”, de 1914, para repetir. No dicionário utilizado (IRMEN, 1988): *Wieder* – de novo, *Holen* – buscar. Portanto, enfatizamos o sentido de buscar novamente. Repetição neste texto foi apresentado como substituto da recordação. Como exemplo, Freud (1914) utilizou o caso de um paciente que não se recordava como chegou a um impotente impasse em suas pesquisas sexuais infantis; mas produzia uma massa de sonhos e associações confusas e queixava-se de não conseguir ter sucesso em nada e provava nunca levar em frente o que empreendia. E ele observou que os pacientes repetem ou atuam tudo o que tenha avançado desde as fontes do recalco para sua personalidade manifesta, suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter.

Nesse mesmo texto, Freud (1914) utilizou pela primeira vez o termo compulsão à repetição: “Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar” (FREUD, 1914, p. 197). Porém, foi a partir de *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, 1920) que a psicanálise apropriou-se de um novo olhar para o que repete e, portanto, também sobre a resistência. Algo repete a priori, mais além de buscar prazer, repete sem representar algo, sem estar no lugar de algo. É uma repetição, uma compulsão à repetição. A partir desse texto, a ação é uma repetição, a compulsão à repetição sutilmente diferente de repetir enquanto voltar a dizer. Torna-se então fundamental salientar que o desejo repetido está manifesto e, ao mesmo tempo, não revelado. O manifesto em uma ação repetida não é restrito a um conteúdo manifesto somente.

Realizamos a distinção aqui entre *repetir*, enquanto verbo, enquanto ação, é voltar a dizer, de *repetição*, substantivo presente enquanto compulsão. A repetição, enquanto substantivo, pode não estar verbalizada, pode estar apenas buscando novamente existir através de uma ação, mas isso só será contemplado teoricamente após a virada de 1920. O objetivo técnico, em 1914, era que aquilo que o paciente desejava descarregar em ação fosse utilizado através do trabalho de recordação a partir de uma verbalização. A partir das reações repetitivas exibidas em transferência, podem recordar, e através da interpretação, apropriar-se de

lembranças. Já em 1920, Freud estava ocupado com a repetição enquanto busca do estado anterior, enquanto pulsão de morte, e também enquanto uma ação em compulsão, sem a presença de uma verbalização.

Retornamos agora, a partir de outro ponto do *Projeto para uma Psicologia Científica* (FREUD, 1895) e do Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900), a diferença entre vontade e desejo a fim de traçar algumas linhas entre o novo e o estranho costurado ao tema da repetição.

No *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895), os dois termos, vontade e desejo, aparecem em situações distintas. Vontade, enquanto força e derivada das pulsões, aparece quando ψ fica à mercê de Q_n , e, no interior do sistema, surge um impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Esse é o momento em que as vias de condução endógenas alcançaram um nível de saturação a partir da acumulação de Q_n e ultrapassam as barreiras de contato ψ (sistema de neurônios impermeáveis), que são, em geral, mais altas que as das vias endógenas de condução. O estado de desejo, nesse texto, é descrito como o resíduo de uma experiência de satisfação, que acarreta no aumento de tensão em Q_n em ψ produzido por somação.

Em 1900, Freud formulou como desejo a tentativa de reevocar a situação de satisfação original. E esse desejo proveniente da falta e da tentativa de realização alucinatória tenta reproduzir a experiência (FREUD, 1900).

Vontade representa a somação de algo que repete, e desejo representa a tentativa de repetir uma experiência de satisfação. Vontade, como substantivo, é uma repetição a partir da quantidade, e desejo é a ação que busca repetir o que não está mais. A repetição, em somação, se dá a partir do que é semelhante e se soma. O desejo de repetir posto em um desejo está alicerçado no que está diferente e busca o igual. A vontade representa uma quantidade que repete, e o desejo um repetir, em verbo, que aparece em qualidade. A interrupção da repetição envolve apropriar-se de um desejo com qualidade específica, isto é, significa deixá-lo sob o domínio do pré-consciente e com a possibilidade de condenação.

Podemos compreender a repetição enquanto desejo também a partir da diferença entre a repressão e o julgamento de condenação. A repressão é uma etapa preliminar da condenação, algo entre a fuga e a condenação (FREUD, 1915). A repetição que acontece no recalque, ocorre, portanto, a partir da impossibilidade ainda do julgamento (condenação). Quando a repetição é uma compulsão, além do

princípio do prazer, não busca o novo, não há uma repetição encoberta, mas uma repetição que visa a uma saída. E essa repetição que soma, descarrega; não procura, apenas repete e expressa uma vontade, um imperativo de novo, mas que não busca o novo, ou seja, não é uma busca, mas um destino.

3.2.2 Destino e compulsão

Freud (1912), ao deparar-se com o determinismo e o acaso, postulou as séries complementares – disposição e acaso determinam o destino. Ele já havia utilizado esta palavra nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905b) para dizer que a “anatomia é o destino” e para falar nas neuroses de destino, ou melhor, das compulsões do destino, em 1920. É em relação às compulsões de destino que nos situaremos neste momento. Freud considerou a compulsão à repetição nos sonhos das neuroses traumáticas, no impulso que leva as crianças a brincar e a um caráter especial em algumas pessoas que as leva a uma repetição de mesmas experiências.

O destino corresponde a tudo o que é determinado pela providência ou pelas leis naturais, sorte, fado, fortuna. Também significa o que há de vir, de acontecer; futuro (HOUAISS; VILLAR, 2009. p. 671). Em nossa língua, porém, ficam ainda outros dois sentidos diferentes inclusos nessa palavra destino: o que está determinado e a meta. Essa palavra também é sinônimo para objetivo ou fim para o qual se reserva algo, para destinação e para serventia; designa, ainda, local para onde alguém vai, direção, meta, rumo (HOUAISS; VILLAR, 2009, p.671). Portanto, nas relações sociais, destino pode pressupor uma noção temporal. Em que tempo está dado o destino? Ele é o futuro, para onde se migra ou ele é o que está antes de uma ação? Por exemplo, o destino de meu voo é Porto Alegre ou meu destino foi nascer em Porto Alegre. Posso utilizar a mesma palavra para dois sentidos bem diferentes e em dois tempos diferentes: um no passado e outro no futuro.

Porém, destino, na língua alemã, possui duas palavras diferentes para significar meta e acaso: *Ziel* e *Geratewohl* (IRMEN, 1988). Tanto o que está dado antes da ação quanto o futuro possuem acaso e possibilidades mais complexas que uma determinação. Porém, alguém submerso no caos não é apenas alguém entregue ao destino. É alguém buscando uma meta, uma direção ao caos. *Schicksal* é o destino: essa é a palavra utilizada por Freud (1920) para nomear destino

referindo-se às neuroses de destino, com ainda outro significado daqueles citados acima. Destino aqui tem o seguinte sentido: algo dado além de nossas forças. Falamos sobre o retorno periódico de acontecimentos. É algo “além” das forças apropriadas por si.

Essa ideia fundamenta o lugar da repetição em uma pesquisa sobre experiências reincidentes, por exemplo. Interromper a repetição que está no destino significa não a tornar uma meta de investigação, mas uma investigação a partir dela. Não é algo que tenha que se descobrir a causa para racionalizar ou contabilizar quantidades. A liberdade está em nos apropriarmos do que foi dado pelo destino como ponto de partida, como algo que está além das forças de cada sujeito, uma força misteriosa, e, além disso, está o desejo e estão as escolhas possíveis.

É curiosa a diferença apontada, na pesquisa de Vaz e Rony (2011), já comentada aqui, nas narrativas midiáticas que falam sobre pessoas que possuem a sua condição de vítima como um destino já marcado e um outro momento em que aparecem sem condição de futuro. O futuro não fica aberto ao acaso, fica muito mais que determinado pelo passado, apareceu como inexistente. A mudança observada pelos pesquisadores foi sobre a perspectiva de futuro, marcada pelo destino ou inexistente.

Em *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930[1929]), quando Freud retomou a questão sobre a felicidade trabalhada em *O Futuro de uma Ilusão* (FREUD, 1927), mostrou que os deslocamentos de libido visam a tornar o indivíduo independente do destino; porém, a capacidade de amar e o paradoxo das relações emocionais que tornam a libido mais flexível através do amor, assim como oferecem uma experiência de uma transbordante sensação de prazer, fornecendo um modelo para busca da felicidade, tornam os indivíduos tão indefesos contra o sofrimento e tão desamparadamente infelizes como quando perdem o seu objeto amado ou o seu amor (FREUD, 1930[1929], p. 101).

O desamparo e o amor possuem essa relação não determinista nem causal, apenas associada. Conviver com o destino do desamparo está muito além de torná-lo efeito ou causa do amor ou de sua falta. Conviver com o destino significa apropriar-se da percepção da repetição que está bem além de uma explicação, ou seja, está na convivência com o desamparo da dúvida. Ela, a dúvida, a incerteza, abre espaço para a independência entre o determinismo e o acaso. O desamparo da dúvida abre espaço para a curiosidade e para as associações e também abre

espaço para a independência em relação à repetição. O sujeito se situa no tempo presente, quando não depende apenas da busca por algo determinado. A busca por explicações acontece pelo desamparo diante da repetição. Dessa maneira, a pessoa pode procurar amparo no determinismo da repetição. Somente se algo estivesse determinado pela repetição, uma explicação de causa e efeito teria valor. Então algo estaria determinado pela repetição e, assim, permaneceria, sem o diferente, nem *Unheimliche*.

Tornar o inconsciente sob o domínio do pré-consciente não significa explicá-lo. Tornar o inconsciente sob o domínio do pré-consciente é estar sob o domínio do desamparo da dúvida e não do desamparo da repetição que pode banalizar a vida.

3.2.3 Desmentido e banalização

A fim de compreendermos a reincidência dos acontecimentos e os efeitos dos mesmos na sociedade, ingressaremos aqui no conceito de desmentido, opção de tradução do termo *Verleugnung* utilizado na obra freudiana, e o conceito de banalização⁶ proposto por Hannah Arendt (1999 apud SIQUEIRA, 2011), que reflete sobre o que o bem e o mal poderiam causar. Diferenciamos solidariedade de compaixão em nosso percurso teórico realizado até aqui e acrescentamos ainda outro enlace possível quando a compaixão é tomada por solidariedade. Como já foi apresentado na introdução deste trabalho, o tema da repetição funcionou como um dos motivos desta pesquisa como referencial teórico, encontrado na reincidência dos eventos e na realização de uma festa anual com o objetivo de arrecadar fundos que marcaram dois contrapontos importantes: um acontecimento com perdas e a realização de uma festa, e a repetição de ambos.

Diferenciamos primeiramente dois termos empregados por Freud para designar a recusa de uma percepção: ***Verneinung*** e ***Verleugnung***. Segundo Laplanche e Pontalis (1986), no fim da obra freudiana, *Verleugnen* tende seguramente a significar a recusa de uma percepção de um fato que se mostrou no

⁶ A expressão banalidade do mal foi criada por Hannah Arendt em sua obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. (1963/1999)

mundo exterior, e *Verneinung* ainda apresentava ambiguidade para tradução e isso, estava, para ele, relacionado à riqueza do texto *A Negativa*. Salientamos um dos pontos apresentados pelo autor como indicador dessa ideia: a liberdade apresentada no pensamento através do símbolo da negação para as limitações do recalçamento.

Conforme Luiz Hanns (1996, p.311), a negação empreendida pela *Verleugnung* é basicamente ligada à percepção de uma presença representada por uma *Vorstellung*, cujo conteúdo é insuportável. Algo é sabido, mas é mantida uma ambiguidade em manter atitudes contraditórias simultâneas em relação à percepção, que é desmentida por ser intolerável. Como iremos trabalhar com a compreensão do desmentido de uma percepção pela sociedade, a ideia não é discutir a psicopatologia e encontramos em Luís Claudio Figueiredo (2003) um estudo sobre *Verleugnung* que nos interessa aqui. Ele acredita que a *Verleugnung*, mecanismo central para Freud no fetichismo e na psicose, está ativo como uma das defesas básicas na constituição normal do psiquismo nas crianças. A recusa na *Verleugnung* remete a uma dimensão temporal e processual no psiquismo, pois recusa não a percepção da realidade em si, mas o que viria depois dela, como possibilidade de simbolização e conclusão lógica. O esforço consiste em desautorizar a autoridade de uma percepção, ela fica desmentida no “eu sei, mas mesmo assim” (FIGUEIREDO, 2003. p.60)

Este termo “desautorizar” a percepção foi trabalhada e desenvolvida por Figueiredo (2003, p.61) para referir-se à incapacidade de uma percepção transitar para outras conservando certa continuidade. Na *Verleugnung*, a autoridade de uma percepção é contestada e ela não progride na cadeia associativa, isso é, não se liga a outras associações.

Trabalharemos o conceito de trauma em outro capítulo a seguir, mas já anunciamos que as discussões sobre a pulsão de morte serão antecipadas aqui neste ponto, referente ao tema desligamento, relacionado à ausência de associação. Tanto desligamento quanto alucinação negativa foram termos freudianos desenvolvidos e aprofundados por André Green ao longo de sua obra.

Green (2010) desenvolveu o conceito de alucinação negativa como um mecanismo que remete tanto à categoria do alucinatório, quanto do negativo. Para tanto, ele utilizou trabalhos de Freud de 1890 (FREUD, 1905a) e de (1911), em que associou a alucinação a um fenômeno de negação: a alucinação positiva seria uma

percepção sem objeto e a alucinação negativa como a não percepção de um objeto. Freud (1905a) havia se referido à alucinação negativa como um efeito da hipnose, em que o paciente vê o que não existe, e pode proibir de ver o que existe, e Green(2010) salientou, a partir de Freud (apud GREEN, 2010), que a produção alucinatória poderia ser provocada por uma percepção indesejável, insuportável ou intolerável, que traduz o desejo de negar a existência dos objetos dessa percepção e uma representação inconsciente de vontade é impedida pela barreira do sistema Cs de se tornar consciente e o lugar dessa percepção denegada torna-se vazio. Considerou que, nesse espaço liberado, a denegação (termo escolhido em tradução de Laplanche – *déni*) “branqueia” o que é apresentado, há um “arrancamento” do percebido. Há uma perda da realidade. Nesse desmentido, pela *Verleugnung*, “o sujeito não acredita em seus olhos, mas é justamente porque ele vê, e que não porque seria cego” (GREEN, 2010, p. 189).

O modelo da realização alucinatória do desejo em Freud onde, na falta do objeto real, o sujeito que alucina responde a uma dualidade pulsional: tanto à autoconservação quanto à sexualidade. Esse modelo se mantém mesmo na formulação teórica sobre as pulsões destrutivas. As experiências de dor deixam o sujeito descoberto e à mercê de uma forte destrutividade que se propaga e não impede a realização alucinatória de dor e as pulsões de destruição, na oscilação do trabalho do negativo ocorrem projeções destrutivas e estados de não representação e de branco (GREEN, 2010, p. 197).

Green (2010) traçou um paralelo inquietante entre o fim dos sonhos de angústia pelo despertar e a função da alucinação negativa em separar uma percepção de suas representações inconscientes. Os olhares interno e externo se encontram na busca pelo atual e pelo inatual, sendo que a percepção e memória se excluem no modo de aparecer na consciência. Para ele, a alucinação negativa possibilita que uma representação inconsciente seja investida sem que a qualidade afetiva seja suscetível de passar à consciência e, no restabelecimento das percepções ocultadas, a reconstituição de continuidade de sucessões perceptivas aparece como uma série completa de associação de pensamentos e com um desinvestimento da percepção. Ele se diferenciou de Freud (1920) em relação à ideia de que a função autodestrutiva se exprimiria de maneira automática, espontânea ou primitiva. Não há, para Green, a possibilidade de dizer qualquer coisa sobre a pulsão de morte, sem haver uma atrelagem conceitual à pulsão de

vida. Ele ressaltou os mecanismos descritos por Freud de ligação e de desligamento. Assim como a função da pulsão de vida é objetalizante, isso é, há nela uma realização de investimento e de atividade psíquica, o objetivo da pulsão de morte é realizar uma função desobjetalizante através do desligamento, ou seja, a manifestação própria da pulsão de morte é um desinvestimento e, não apenas onde a relação com o objeto é atacada, mas os seus substitutos, ou seja, o ego é desinvestido (GREEN, 2010, p. 98-100). Ele retomou que o recalque (*Verdrängung*) seria o protótipo de uma defesa primária contra a angústia e esse mecanismo foi alimentado pela descoberta de defesas secundárias como a desmentida correlativa da clivagem (*Verleugnung*), a forclusão (*Verwerfung*) e a denegação (*Verneinung*) (GREEN, 2010, p. 101).

Escolhemos desmentido como tradução de *Verleugnung* neste trabalho, em função da citação a Green referida acima, na qual há uma desmentida da clivagem, e a partir do que Moraes e Macedo (2011) iluminaram no trabalho de Green: a ideia de concepção de base do trauma será ausência de resposta do objeto a uma situação de desvalimento do sujeito. Essas autoras (2011), ao realizarem, como caracterizaram, uma leitura às avessas do que Freud descreveu como vivência de satisfação, propuseram por *indiferença*: “uma qualidade de violência imposta por um adulto à criança em um tempo primordial de estruturação do seu psiquismo” (MORAES; MACEDO, 2011, p. 42) e nomearam como *vivência de indiferença* uma situação em que o campo de experiência não oferece à criança uma ajuda alheia e na qual ela não encontra, neste modo de encontro psíquico, recursos para um trabalho de ligação e interpretação e fica entregue às intensidades vivenciadas como excesso. Referiram-se a Green e Ferenczi ao articularem o conceito por elas proposto à ideia de intensidade traumática do desmentido. O desmentido do adulto não admite a diferença do outro, sendo esse o excesso que atordoa a criança.

Trazemos esse conceito de vivência de indiferença porque Moraes e Macedo (2011) abriram a discussão sobre os efeitos do que não é encontrado pelo sujeito no objeto. Mesmo que o nosso objeto de investigação não seja os sujeitos, mas narrativas oferecidas pela cultura, cabe investigar o que elas apresentam para os sujeitos leitores. E, ainda, as autoras propuseram o *dever* como uma possibilidade de transformação a partir do reconhecimento da existência do outro. E nos questionamos sobre o que representaria o reconhecimento da condição de vítima em relação à perspectiva do dever.

E, nesse momento, trazemos o segundo conceito proposto em nosso subtítulo e concebido pela filosofia: banalidade. As psicanalistas referidas acima se ocuparam em delinear o termo proposto, indiferença, no interior do seu conceito, a fim de que não houvesse equívoco com o sentido do termo indiferença compreendido como o desdém da oferta de um adulto. Também pontuaremos a seguir qual o sentido aqui proposto para banalidade.

Como levantamos no início deste capítulo, a concepção de banalidade do mal, proposto por Arendt (1999 apud SIQUEIRA, 2011), formulada a partir da sua perplexidade diante da realidade de que Eichmann, julgado por matar judeus, era um homem normal, banal, superficial e com uma avaliação medíocre do mal por ele cometido; era assustadoramente obediente. Ele, assim como burocratas, obedece e não possui capacidade de pensar ou dar significado a seus atos.

No interior do enigma sobre um desinvestimento ou um não investimento, retomamos agora uma das perguntas que Arendt formulou e que José Eduardo de Siqueira (2011) destacou: “[...] será que podemos detectar uma das expressões do mal, qual seja, o mal banal como fruto do não exercício do pensar?” (ARENDRT apud SIQUEIRA, 2011) em seu texto sobre a irreflexão e a banalidade do mal. Ao trabalhar o conceito de banalidade do mal, Arendt marcou a diferença entre entender um fenômeno e defender uma inocência do réu. Assim como Vaz e Rony (2011) mostraram a sua compreensão sobre vítima e a relacionaram ao trabalho de Arendt, propomos aqui outra associação: entre o raciocínio do julgamento, em busca de justificativas e causas, e o da capacidade reflexiva. Assim como mostrar a compreensão do fenômeno do mal em Eichmann não o inocenta, pode ser que a espetacularização da posição de vítima não responsabilize ninguém, porém, pode impedir a capacidade de reflexão. A pesquisa sobre as narrativas sobre as enchentes pretende estar aberta a essa investigação.

Alicerçamos a associação acima ao registro que Marcelo Andrade (2010) realizou sobre a obra de Arendt: Ela estava convencida de que o mal não tem raízes, não tem profundidade, porque tanto prolifera na superficialidade de uma massa incapaz de pensar e da reflexão sobre acontecimentos e próprios atos, quanto o mal banal não possui inspiração apropriada no sujeito que o pratica. Em sua conceitualização sobre o mal, esclareceu que a banalidade de quem o pratica não o inocenta nem significa uma normalidade. E, ainda, Arendt caracterizou a sociedade de massas através da superficialidade e superfluidade, ou seja, as

vítimas são instrumentos utilitários e o mal possui agentes superficiais (ANDRADE, 2010).

3.3 TRAUMA

Tomamos o percurso teórico sobre trauma a fim de alicerçarmos uma discussão sobre as narrativas midiáticas, pontuando novamente que não estaremos pesquisando sujeitos nem o efeito dos acontecimentos em indivíduos, mas a maneira como a cultura nomeia esse acontecimento em Santa Catarina.

A etiologia do trauma foi estudada pela psicanálise desde as suas origens e sendo relacionada à etiologia da dor. O percurso histórico neste estudo sobre trauma nos interessa especialmente aqui, a fim de situarmos algumas posições teóricas em relação a reflexões propostas por Joel Birman (1999) sobre a vida e a morte e o conceito de desamparo. Segundo ele, Freud atribuiu primeiramente à vida a sua condição de origem indiscutível do ser, e à morte a perda desse bem originário; sendo ela inevitável e produto do desgaste e, após a virada de vinte, não foi mais a vida algo originário, mas algo a ser adquirido a partir do outro e para se opor à iminência da morte.

Trazemos aqui este contraponto inicial articulado por Birman (1999), a fim de darmos abertura a este capítulo, pois a teoria do trauma foi reatualizada no contexto metapsicológico, conforme este autor, como consequência da diferenciação proposta entre o conceito de angústia do real do de angústia do desejo e da compreensão de que excesso, como sendo a manifestação da angústia do real, põe a subjetividade na condição do desamparo. O sujeito humano, a fim de evitar a produção traumática sempre prestes a acontecer, já que está imerso aos efeitos do excesso pulsional, precisa realizar através do outro um trabalho de transformação para associar força, objeto e representações (BIRMAN, 1999).

3.3.1 Realidade e fantasia

No período em que a psicanálise se constituiu (1890-1897), o trauma qualificava um acontecimento pessoal da história do indivíduo, experimentado com localização de data e subjetivamente importante pelos afetos penosos que poderiam desencadear. Porém, mesmo aí não se falava em acontecimentos traumáticos de

maneira absoluta, sendo considerada a suscetibilidade própria do indivíduo. Freud retomou o termo trauma da medicina, passando para o plano psíquico três significações que estavam expressas em sua utilização: a de uma ruptura, a de um choque violento e a de consequências sobre o conjunto da organização (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 678-684).

Knobloch (1998), assim como Laplanche e Pontalis (1986), também situou que a diferença no percurso teórico do traumático em Freud esteve na importância deslocada da realidade objetiva para a realidade psíquica das fantasias e dos desejos para a compreensão da natureza do trauma. Apresentaremos aqui, portanto, esse percurso teórico sobre a realidade factual e a fantasia.

Percorrendo as hipóteses de Freud sobre os ataques histéricos, em 1892, numa nota de rodapé à *Tradução de Leçons ou Mardi de Charcot* e em uma carta à Breuer, na qual formulou alguns esboços sobre os ataques histéricos, ele definiu trauma como um incremento da excitação no sistema nervoso, e na incapacidade para apaziguar o mesmo através de uma reação motora ou de um pensar associativo. Essa noção de defesa foi colocada em primeiro plano na origem do trauma e isso o fez divergir, segundo Laplanche (1987), de Josef Breuer, no início da psicanálise, pois esse, Breuer, acreditava que o trauma ocorria como consequência de um estado de despedaçamento e divisão do sujeito. Freud, por sua vez, relacionava o ataque histérico a uma revivência alucinatória de uma cena ou uma lembrança que estava relacionada a eventos que atuavam como trauma, seja pelo conteúdo ou pela intensidade da disposição da pessoa coincidente.

A associação entre o acontecimento e a lembrança foi diferenciando os sintomas da histeria e da neurose traumática inicialmente em *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895), quando Freud (1895), ao investigar essa associação, foi construindo diversas hipóteses sobre a relação de causalidade direta, estudando a ação retardada efetuada pelo trauma e, então, formulou a ligação entre a situação atual e a provocação de uma lembrança.

Portanto, o tempo do acontecimento, o efeito e a repetição de situações e cenas associadas foram deixando complexa a hipótese sobre a etiologia do sofrimento na histeria. Ao diferenciá-la de neurose traumática, Freud (1893-1895) considerou um outro aspecto como específico para o desencadeamento do sofrimento: o inesperado. As neuroses traumáticas possuem como presença o susto, e vários traumas parciais formavam um grupo de causas provocadoras da

histeria. Através dessa investigação, principalmente na procura pelo conhecimento de uma causa que liberasse os histéricos dos efeitos da mesma, a hipótese de trauma como fonte conduziu Freud à conclusão de que os histéricos sofriam de reminiscências. E, mais adiante, apresentando os casos clínicos desses estudos, ele estabeleceu mais claramente a hipótese de que os sintomas histéricos seriam resíduos de excitações que atuavam sobre o sistema nervoso como traumas, e que a soma desses seria transformada em sintomas somáticos denominados conversivos. Quando os traumas psíquicos não podiam ser eliminados por abreação ou elaboração associativa, as ideias tornavam-se patológicas e manifestavam-se através de sintomas histéricos.

Já nas cartas dirigidas a Fliess, Freud (1892-1899), em especial na carta 69, datada de 1897, confessou as suas dúvidas quanto à etiologia traumática das neuroses, tanto pelo abandono da hipótese de resolução completa da neurose através do domínio do inconsciente pelo consciente como pela clareza de uma não distinção entre a verdade e a imaginação, não havendo uma indicação de realidade. Percebemos como as descobertas sobre o trauma formaram a abertura de novas investigações clínicas a partir de vários elementos como a temporalidade, o efeito retardado, o excesso, a repetição em reminiscências, a memória e a sexualidade.

Outro elemento foi considerado por Freud (1917[1916-1917]) na Conferência XVIII, *Fixação em traumas – o inconsciente*: as situações de riscos fatais presentes nas neuroses traumáticas, consideradas assim por sua intensidade e por deixar o ego sem proteção suficiente. Ele complementou essa ideia, na Conferência XXIV (1917[1916-1917]), com a hipótese de que uma repetição sintomática ocorre enquanto o período do qual o ego se defendeu ainda pareça possível, ou enquanto não recebeu compensação pelo perigo suportado. Em sua investigação sobre a repetição, nos sonhos e nos ataques histéricos, de uma situação traumática, como se ainda estivesse presente, ele percebeu que entre essas neuroses há um acordo, a fixação em um momento da sua vida onde ocorreu uma experiência. O termo traumático recebeu, portanto, um sentido econômico, aplicado a uma experiência que, em curto período de tempo, leva à mente um acréscimo de estímulo com intensidade maior do que poderia ser elaborado de maneira normal e que resulta em uma perturbação da forma como essa energia opera.

Toda neurose passou a incluir uma fixação, porém, nem toda fixação conduzia a uma neurose. E, na continuidade da busca pelo sentido dos sintomas,

Freud foi alicerçando a teorização sobre os processos inconscientes e formulou que a construção de um sintoma seria o substituto de alguma outra coisa que não aconteceu: processos que foram interrompidos e não tornados conscientes. E, na Conferência XXIII, *Os caminhos da formação dos sintomas* (1917[1916-1917]), a série complementar tornou o lugar da experiência mais complexa: experiências ancestrais, pré-históricas, no passado, experiências infantis, passaram a constituir a disposição de fixação da libido e, por último, as experiências do adulto. E não apenas a série torna a causalidade da neurose mais complexa, mas a teorização sobre as fantasias e as representações deram um novo lugar ao conceito de experiência. As cenas da infância, relatadas pelos pacientes e nas quais a libido está fixada, não são nem compostas de verdade, nem de falsificação. Às vezes, os sintomas representam eventos que realmente ocorreram, e aos quais são a eles atribuídos influência na fixação da libido e, algumas vezes, representam as fantasias do paciente. Porém, as fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material e esta, a realidade psíquica, que é a realidade decisiva para percepção.

Freud (1919a), ainda em *Introdução a 'a psicanálise e as neuroses de guerra'*, mesmo quando começou a unificar exigências internas e externas, libidinais e de violência, a partir da ideia de o ego temer seu prejuízo em ambos os casos, manteve a distinção entre as neuroses de guerra e as neuroses traumáticas e de transferência no que se refere ao tema do perigo ser externo ou interno. Ainda persistiu neste artigo a formulação de que a repressão era uma reação ao trauma e elemento base das neuroses, porém, ele seguiu se questionando sobre as diferenças encontradas.

Trauma e fantasia foram temas dialetizados ao longo da história da psicanálise (DUNKER, 2006; ROUDINESCO; PLON, 1998). Ocorreram três tendências entre os freudianos em relação ao abandono da teoria da sedução: a que nega a existência de seduções reais em prol da supervalorização das fantasias: o kleinismo levou à concepção de predomínio da realidade psíquica mais longe, fazendo os traumas derivarem de uma relação de objeto. A segunda tendência negou a existência da fantasia e remeteu a qualquer forma de neurose ou psicose e a uma causalidade traumática: teorias freudianas até Reich. A terceira aceitou, simultaneamente, a existência da fantasia e do trauma: Sandor Ferenczi levou essa discussão complexa adiante (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Daremos destaque a essa terceira tendência descrita acima e da qual ideias de Ferenczi são representativas. Apresentamos neste momento, portanto, algumas reflexões de Ferenczi ligadas a essa questão do trauma. Ferenczi (1992) utilizou o termo *Erschütterung*, comoção psíquica, derivado de *Schutt*, destroços, a fim de representar a defesa do Si mesmo através da tentativa de preservação e aceitação fácil de uma forma que foi concedida. Para ele, há uma comoção psíquica quando acontece uma perda da forma própria, ou seja, de um sentimento de estar seguro de si quando houve uma ausência de preparo para um evento, dando lugar a um sentimento de decepção. A angústia, para o autor, é a consequência direta do traumatismo e caracteriza-se por um sentimento de incapacidade de adaptação à situação desprazerosa. A consciência fica então destruída, ocorre uma autodestruição e uma desorientação psíquica como saída para irritação.

Ferenczi (1992), num capítulo intitulado *Da revisão de 'Interpretação de Sonhos'* no interior de seu artigo sobre trauma, iluminou a ideia de Freud sobre a paralisia motora e suspensão da percepção no sonho com a simultaneidade do retorno a impressões traumáticas. No traumatismo, também haveria uma paralisia motora e de pensamento. A hipótese dele seria a possibilidade da criação de uma expectativa de condição de falsificação otimista pela resolução do trauma num sonho e com a admissão dele pela consciência, como o modelo de uma clivagem narcísica que criaria um lugar de censura e falsificaria o conteúdo insuportável a partir de um sonho secundário de realização de desejo.

Daniel Kupermann (2016) diferenciou trauma social, proposto por Ferenczi, de trauma sexual freudiano. Esse último, mesmo como resultado de invasão externa, corresponde a uma operação intrapsíquica do sujeito; já o trauma social marca uma quebra na operação de reconhecimento nas relações sociais e políticas. Essa concepção está baseada na releitura relacional efetuada por Ferenczi do conceito de *Verleugnung*, denotando a desautorização da experiência de sofrimento de um sujeito em condição de vulnerabilidade, sendo esse não reconhecimento o constituinte do trauma.

A formulação sobre trauma que salientamos acima foi trabalhada por Ferenczi (1992), em seu texto denominado *Uma confusão de línguas entre adultos e crianças*, no qual desenvolveu a concepção de que a personalidade, quando ainda imatura e exposta a um desprazer, lida através da identificação ansiosa e da introjeção daquele que agride, em vez de defender-se. Pode ocorrer uma identificação da

criança com o sentimento de culpa de um adulto agressor, na forma da teoria freudiana, onde um estágio de identificação precede um amor objetal. Ocorre então uma falta de confiança no testemunho de seus sentidos, pois uma criança não suporta a solidão nem a violência; ela se confunde, então, e enxerta formas de amor passional enquanto a sua demanda for de ternura. Isso acarreta em fragmentos clivados na personalidade e provocam uma confusão na percepção.

A diferença entre as linguagens, entre a linguagem da ternura e a da paixão, tem por consequência uma confusão de línguas quando é imposto à criança uma falta de proteção e ternura por parte de um adulto que a fariam suportar a solidão. Esse autor apresentou também a ideia de uma prematuração, como uma maturidade apressada, como uma reação ao contrário de uma regressão, e que coloca a criança num lugar como se tivesse uma maturidade de adulto, o que denominou como “criança sábia” ou “bebê sábio” (FERENCZI, 1992). A percepção de sua imaturidade bem como de seus sentidos fica “desautorizada”.

Percorrendo o tema do trauma em Freud e Ferenczi, Felícia Knobloch (1998) denominou tempo do traumático como sendo aquele da ordem do acontecimento e fora dos limites do representável. Essa autora retomou para seu argumento o rompimento com o discurso causal e construiu o questionamento sobre os limites de situações nas quais as pessoas estão tomadas de crise, de um ego tomado por uma realidade penosa, e como o desafio passa a ser fundar o tempo sobre o não-tempo.

Se por um lado a questão da posterioridade e do efeito retardado foi associado ao trauma e aos sintomas na histeria na obra freudiana, por outro, em Ferenczi e os autores acima citados inspirados nele, a representação de futuro, enquanto possibilidade de criação e de não repetição apenas de um alívio do desprazer, são temas abertos ao estudo.

Freud ocupou-se com a questão da temporalidade e do trauma já no Projeto para uma psicologia científica (1895) quando se ocupou com os acontecimentos primeiros e, em sequência, semelhantes e diferentes. Para Hanns (1996, p. 80), os termos *Nachträglichkeit* e *Nachtraglich* foram utilizados por Freud ao longo de sua obra e traduzidos por “a posteriori”, “ação deferida”, “ação retardada” e “efeito retardado”, quando substantivo, e “posteriormente” ou “a posteriori” quando adjetivo. Segundo esse psicanalista e tradutor, em alemão, tais palavras podem ser entendidas tanto como uma manifestação que ocorre mais tarde, um efeito retardado, como um acréscimo a posteriori, ou seja, como um retorno ao passado, e

a interpretação de eficácia a posteriori abriu a possibilidade de que a compreensão analítica se libertasse de uma temporalidade e causalidade limitadoras.

Relacionamos a importância desse conceito para psicanálise as aberturas possíveis entre a realidade e as vivências e a obra de Ferenczi. Segundo Knobloch (1998), a atualidade de Ferenczi está em pensar a realidade psíquica marcada pela realidade externa e isso não significa reduzir a teoria do traumático a uma verdade objetivável, mas considerar o que não escapa do impacto do real.

Quando Ferenczi retomou Breuer, através do tema da autoclivagem narcísica, na autotomia, porém, ele não retomou a ideia de cisão prévia ao trauma, conforme Knobloch (1998). Essa autora historiou o conceito de autotomia em Ferenczi e lembrou que o tema da cisão havia sido uma das controvérsias entre Freud e Breuer, pois para Freud a cisão era posterior ao trauma. Já a autotomia é um conceito derivado da biologia e contém a concepção de que alguns animais, para se livrarem de um perigo, liberam-se de um pedaço de si. A ideia de Ferenczi foi de que, como estratégia para sobrevivência, o sujeito deixaria partes de si mesmo, as soltaria. Diante da vontade de sobreviver a qualquer custo, ocorreriam estratégias de *destruição preventiva* (KNOBLOCH, 1998).

A angústia, como vimos, para Ferenczi (1992) utilizaria como uma válvula de escape uma saída para autodestrutividade, pois seria uma consequência de uma incapacidade adaptativa. Como Freud, também trabalhamos a angústia em tempos distintos, angústia real e sinal, trabalhamos, como próximo eixo a angústia e sua relação com o trauma.

3.3.2 Angústia

A série complementar na etiologia do sofrimento deu destaque à complexidade presente nele, tanto do ponto de vista da realidade como da fantasia, quanto do passado, como do presente, assim como do ponto de vista da posterioridade e do que está manifesto. Apresentaremos, neste momento, outro ponto fundamental para a discussão da teoria do trauma: a economia, ou seja, o papel das intensidades de forças presentes nele.

Em *Além do Princípio do Prazer*, texto de Freud de 1920, foi retomada a definição econômica do traumatismo como efração e formulada a hipótese de que um afluxo excessivo de excitação deixou de lado o princípio do prazer, limitando o

aparelho psíquico a realizar uma tarefa mais emergencial para além do princípio do prazer, ou seja, a ligação das excitações com a finalidade de permitir a sua descarga ulterior (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986, p. 678-684). A neurose traumática foi então revisada e há uma virada metapsicológica na teoria das pulsões. Freud (1920) apresentou duas características desta neurose: o fator de susto como causa e a observação que um ferimento ou dano aplicados simultaneamente ao inesperado operavam contra o desenvolvimento da mesma. Ele diferenciou, então, susto de ansiedade e de medo: a ansiedade descreve um estado de preparação para o perigo, medo possui um objeto definido do qual se tem temor e o susto pressupõe um perigo sem que se esteja preparado para ele, há, portanto, um fator surpresa. Assim, ele formulou a tese de que existe na mente uma compulsão à repetição que excede o princípio do prazer e relaciona esta compulsão aos sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e ao impulso que leva as crianças a brincar.

Nesse mesmo texto, ele utilizou a metáfora de vesícula viva que não possui escudo protetor contra os estímulos externos a fim de compreender o que acontece aos organismos desenvolvidos que possuem órgãos dos sentidos para recepção dos estímulos externos a partir de amostras. Esses estímulos são recebidos pelo sistema Cs, que também recebe excitações provenientes do interior e, em relação a esta recepção, dois resultados são possíveis: os sentimentos de prazer-desprazer constituem um índice do que está acontecendo no interior do aparelho e, então, predominam sobre os estímulos externos ou, como segundo resultado, ocorre uma tendência a tratar as excitações internas que produzem alto grau de desprazer como se atuassem desde o exterior, sendo essa, a origem da projeção. É, neste momento do texto, que Freud (1920, p. 44-45) conceitualizou tanto as excitações traumáticas como sendo aquelas provenientes do exterior e que possuem o poder de atravessar o escudo protetor quanto trauma como sendo uma ruptura numa barreira que seria protetora, em outras circunstâncias, contra os estímulos. Ele descreveu que um acontecimento como um trauma externo pode provocar um distúrbio de grandes proporções no funcionamento da energia do organismo e colocar em atividade todas as medidas defensivas possíveis, e, ao mesmo tempo, coloca, fora de jogo, o princípio de prazer. E então, não há mais condição de evitar que o aparelho mental seja invadido por grandes quantidades de estímulos. O problema passa a ser o de dominar e vincular psiquicamente as quantidades de estímulo para que se possa delas se desvencilhar.

Freud (1920) acreditava, nesse período de sua teoria, que a neurose traumática acontecia quando havia uma falta de proteção e de defesa do escudo contra estímulos por faltar um preparo para a ansiedade, bem como a falta de hipercatexia dos sistemas que seriam os primeiros a receber os estímulos. A diferença entre os sistemas despreparados e aqueles que se encontravam bem preparados através da hipercatexia era o que constituía a diferença no resultado dos traumas nessa teoria, porém, onde a intensidade do trauma ultrapassava certo limite, essa diferença não possuía importância.

Como exposto acima, foi, ao refletir sobre a repetição nos sonhos dos pacientes que sofriam de neuroses traumáticas, que Freud (1920) revisou a teoria dos sonhos e formulou a ideia de que eles se esforçam por dominar retrospectivamente um estímulo, desenvolvendo uma ansiedade cuja falta constituiu a causa dessas neuroses. Esses sonhos surgem submetidos à compulsão à repetição. A função dos sonhos como guardiões do sono através da realização de desejos passa a não ser mais a sua função primeira, pois ela só se torna possível quando a vida mental como um todo encontra-se sob a dominância do princípio do prazer. Existe um “além do princípio do prazer” aquém disso. A tarefa que falha na neurose traumática é de sujeitar a excitação instintual ao processo primário e que só é possível após a dominância do princípio do prazer.

Também estudando as neuroses traumáticas, Freud (1920) observou que um dano físico ou ferimento causado simultaneamente pelo trauma agia contrariamente ao desenvolvimento de uma neurose, pois a agitação mecânica é fonte de uma excitação sexual e as moléstias realizam um efeito poderoso na distribuição da libido, exigindo, então, uma hipercatexia do órgão afetado e sujeitando o excesso de excitação (FREUD, 1920). Knobloch (1998) ressaltou o quanto a palavra grega trauma, indicando ferida ou fenda, antes do século XIX, foi reservada a acidentes corporais, foi psicologizada e, depois disso, o estudo do traumatismo buscou de uma relação entre patologia e causalidade. Porém, pensamos que foi nesse momento de descobertas sobre o trauma em 1920, com a ideia da vesícula viva, que Freud apresentou o conceito de instinto de morte, expresso através da compulsão à repetição e que abriu espaço para um não fechamento interpretativo e a saída de uma prisão pela busca por causalidade determinista.

O instinto de morte representa a tendência da vida mental a restauração de um estado anterior de coisas, expressa a inércia inerente à vida orgânica, cujo

objetivo consiste na remoção da tensão devido aos estímulos e o retorno ao inanimado. Já o instinto de vida funciona em oposição ao de morte, sendo conservador em outro sentido, possuindo como objetivo a união, como Eros. A função primária do aparelho mental é sujeitar os impulsos instintuais e preparar a excitação para, por fim, haver uma descarga mediante o prazer, portanto, o sentimento de tensão vai somente aos poucos sendo relacionado ao prazer e desprazer (FREUD, 1920).

A compulsão à repetição apresentada em 1920, que coloca de lado o princípio do prazer e apresenta a pulsão de morte foi já apresentada nesta revisão de literatura, no capítulo sobre as repetições, porém, cabe aqui apresentar como a discussão sobre a economia e a temática das intensidades abriram espaço para que a teoria da angústia fosse reformulada por Freud em 1926, e a ideia de vesícula viva fosse revista, portanto, a partir do lugar estabelecido aos perigos.

A noção de trauma assumiu maior destaque na teoria da angústia reformulada em *Inibição, Sintoma e Ansiedade*, em 1926, por Freud: o ego, ao desencadear o sinal de ansiedade, procura evitar ser soterrado pelo aparecimento da angústia automática que define a situação traumática em que o ego se encontra sem recursos. Essa concepção retirou a validade do modelo da vesícula viva de 1920, pois resultou no estabelecimento de uma espécie de simetria entre o perigo externo e o perigo interno sofrido pelo ego (LAPLANCHE; PONTALIS, 1986).

A partir deste texto, Freud (1926[1925]), ao diferenciar dor de ansiedade, estabeleceu que dor não possui uma manifestação motora e está relacionada a uma perda, e a ansiedade é um estado de desprazer com atos de descarga na busca por alívio, e é uma reação ao perigo com a sua reprodução na repetição desse estado. Ao ter trabalhado a teoria da ansiedade, formulou que ela é atenuada pelo ego que faz algo para evitar essa situação ou afastar-se dela, criando sintomas para evitar o perigo da castração ou algo que refira a ela. Ele formulou também que, nas neuroses traumáticas, a ameaça ao instinto de autopreservação possuía um caráter libidinal e o medo da morte foi por ele considerado como análogo ao medo da castração. Mas as situações às quais o ego reagia nessas neuroses seriam resultado do abandono do superego protetor e ocorrem quando o ego não dispõe de recursos contra todos os estímulos que o invadem. A ansiedade possui a função de ser um sinal para evitação do prazer, porém nem sempre o ego consegue sujeitar o afeto de ansiedade. E há uma diferença entre ansiedade realística e neurótica

relacionada ao conhecimento que o ego possui do perigo. Na ansiedade neurótica, o perigo é desconhecido ou no conteúdo ou na proporção em relação ao real. Existem duas reações ao perigo real: uma reação afetiva e outra, protetora. Essas duas reações podem cooperar, uma dando o sinal para que a outra apareça ou podem paralisar o indivíduo pela ansiedade difundida pela reação de uma às custas da outra.

Freud (1926[1925]), ao questionar-se sobre a essência e o significado de uma situação de perigo, observou que o reconhecimento realizado pelo indivíduo do desamparo, físico e psíquico, comparado aos perigos real e instintual e denominou de situação traumática aquela situação de desamparo em que o mesmo tenha experimentado. A ansiedade é uma reação ao desamparo no trauma e uma repetição, na tentativa de modificação ativa na revivência dele em forma diminuída. Freud vinculou, portanto, neste momento de sua obra, o trauma ao desamparo e fez a distinção entre dor e ansiedade a fim de delimitar mais claramente a sua referência ao trauma. Na mudança de uma dor física para mental vincula-se a transformação de uma catexia narcísica para objetal. Uma representação de objeto catexizada pelo investimento instintual funciona como uma parte do corpo na qual um estímulo tenha aumentado em intensidade. A continuidade desse aumento de catexia sem a possibilidade de inibição, faz com que o sentimento de desprazer vivido como dor remeta a um estado de desamparo mental.

Em sua Conferência XXXII, *Ansiedade e Vida Instintual*, Freud (1933[1932]) recapitulou o tema da ansiedade proposto na Conferência XXV, em que descreveu a ansiedade como um estado afetivo, uma combinação de determinados sentimentos da série prazer-desprazer, com correspondente descarga, e uma percepção dos mesmos, bem como um precipitado de um determinado evento importante incorporado por herança. Ele distinguiu a ansiedade realística da neurótica e salientou o que já em (1926(1925)) considerou como momento traumático, o momento no qual o princípio do prazer fracassa e uma situação vivida como desprazer não é possível de ser dominada através da descarga. E retoma, portanto, a ideia de que a ansiedade realística produz os dois resultados já referidos; uma ansiedade que se limita a um sinal em repetição da antiga experiência traumática com uma finalidade adaptativa à nova situação de perigo ou ocorre o domínio da situação traumática e o estado afetivo paralisante. Porém diferencia neste momento (1933(1932)) que nem sempre é a libido que é transformada em ansiedade, pois

nem sempre essa última é um excedente de libido não-utilizada, pode ser uma repetição de um momento traumático. Portanto, aqui a relação entre repetição e trauma.

Freud, nessa conferência supracitada, deu destaque à hipótese de ser ego a única sede da ansiedade; como já havia formulado em 1923, no *O ego e o id*, e ao perigo de desamparo psíquico como uma imaturidade do mesmo. E acrescentamos o percurso realizado por Birman (1999), ao trabalhar na obra freudiana a transformação da palavra desamparo em conceito metapsicológico. Ele apontou não apenas a fratura existente entre a palavra e o conceito de desamparo, mas a descontinuidade entre os textos *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *Além do princípio do prazer* (1920) para falar sobre o conceito de desamparo. Ele apontou que o discurso biológico de C. Bernard encontrava-se presente tanto no *Projeto para uma psicologia científica* (1895) quanto no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900). A vida era concebida a partir de um modelo de funcionamento homeostático do organismo onde havia uma adaptação do organismo ao meio exterior. Ocorria, nesse momento da obra freudiana, uma formulação teórica que recusava o princípio de inércia e que o transformou em princípio de constância e a ordem vital, originária, identificava-se com a sexualidade e o prazer. Já o modelo biológico mortalista foi o esquema teórico que orientou o discurso freudiano na reformulação de 1920. A morte estaria aqui na origem do ser e da vida, uma presença silenciosa que se impõe pelo princípio do nirvana. A prematuridade biológica do organismo seria o correspondente dessa propensão primária à descarga. Houve, segundo Birman (1999), então, uma descontinuidade entre as obras iniciais e aquelas que estão a partir de *Além do princípio do prazer* (1920), pois o movimento originário do organismo é para descarga e para quietude e a possibilidade para que a ordem vital fosse estabelecida dependia de uma ajuda externa ao organismo. Seria pela exterioridade que a interioridade seria constituída como ordem sexual.

Trouxemos essa diferenciação realizada por Birman (1999) a fim de situarmos que a modificação da teoria da angústia e da concepção de desamparo foi costurada na obra freudiana pela modificação da concepção de trauma. E, em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud [1939(1934-38)] considerou como efeito positivo dos traumas as compulsões a repetir como algo vivenciado e as reações negativas aquelas que buscam esquecer e não repetir situações que se assemelham às traumáticas. Tanto

os sintomas como as evitações são modificações de caráter e possuem uma qualidade compulsiva e de fixações no trauma (FREUD, [1939(1934-38)]). O que se observa em destaque aqui é a estreita vinculação entre a compulsão a repetição e o trauma, pois Freud [1939(1934-38)] considerou que os fenômenos patológicos provenientes dessas fixações seriam como um estado dentro de outro, não importando mais tanto a influência da realidade externa, podendo até mesmo ser sobrepujada pela realidade psíquica no caso da psicose.

Referimos ainda mais uma vez a formulação de Ferenczi (1992) sobre a comoção psíquica como proveniente de uma falta de preparação para algo. Nela, percebemos uma relação entre o desamparo descrito por Freud [1939(1934-38)]: a aniquilação do sentimento de si provocado pelo trauma, em Ferenczi, e uma falta de sinal, em Freud. E na autodestruição com objetivo de liberação da angústia (FERENCZI, 1992) e na compulsão à repetição que visa ao retorno ao estado anterior de coisas (FREUD, 1920) encontramos o eixo comum na busca por uma preparação para o presente, uma preparação para o futuro.

E nos questionamos, nesse momento, sobre o estranho em Freud (1919b) *Unheimliche*: O inesperado, o susto, ou o desconhecido, *Unheimliche* corresponde ao novo ou ao estranho, qual dos dois é que causaria angústia? Qual dos dois poderia ser desmentido?

Recorremos então a Lacan (2005), que trabalhou com o texto *Das Unheimliche* de Freud no seminário X sobre o tema da angústia, e o considerou como “*eixo indispensável para abordar a questão da angústia*”. Maria Angélica Pisetta (2009) referiu ao que Lacan definiu como o que é mais familiar ao sujeito permanece o mais estranho e inabitado para pensar nessa estrutura que nada habita nem é habitado como um vazio radical. A angústia pode aparecer como uma obturação desse lugar vazio. A conceitualização realizada por Lacan de objeto *a* aconteceu nesse momento de sua obra. Para Freud (1900), o objeto da satisfação será sempre buscado para ser reencontrado. Em Lacan (2005), com a impossibilidade de superação da perda do objeto de satisfação, a pulsão se estabelece e o objeto *a* põe em evidência que não houve resposta para pressão da pulsão, essa falta radical que produz o desejo. O objeto *a* refere-se ao real e só funciona em correlação com a angústia. A angústia denuncia a falta constitutiva do sujeito (LACAN, 2005) e é indicadora dessa falta, pois ela aparece quando essa falta pode estar ausente. A angústia é o indicativo de um perigo primordial, de que a falta

que constitui o sujeito venha a faltar. O surgimento da angústia está ligado a uma suposta completude do outro. A angústia reclama a reinstalação da alteridade (HARARI, 1997 apud PISETTA, 2009). Ela dá o alarme da falta da marca de alteridade (PISETTA, 2009). A angústia que surge como sinal diminui a distância entre o gozo e o desejo, pois ela mostra a posição do sujeito diante do desejo do Outro. Abrandá-la de imediato não permitiria que ela funcionasse como alerta (HARARI, 1997 apud EDLER, 2002).

A fim de ampliar essa compreensão, trazemos o enlace realizado por Birman (1997) entre os temas do desamparo e da sublimação com a requisição da *Unheimliche* para uma nova articulação, porque é a partir do estranho familiar que o desejo do sujeito tem a possibilidade de ser restaurado diante de um fundo ilusório e a invenção no campo do desejo de saber também pode advir através de um estranhamento que produz uma ruptura num campo homogêneo de visões de mundo. A *Unheimliche*, enquanto conceito, foi construído no interior do campo da estética psicanalítica e a produção de sublimação, para esse autor, possibilita a invenção de novos objetos para o circuito pulsional através da experiência da *Unheimliche*, angustiante pela ruptura. Ao operar a sublimação, há espaço para a transmutação no real, pela experiência de angústia de recalque que desacomoda o sujeito e promove a desconstrução da realidade ilusória; o inquietante é sinal do desamparo do sujeito que perdeu o suporte no Outro. Assim, o desejo de saber pode se movimentar e junto com a inquietude fomentar a marca de diferença no homogêneo e possibilitar a invenção. Então o sujeito pode ser marcado pelo original, pela autoria de assinatura. A sublimação abre a possibilidade de ordenar uma experiência de horror e desamparo (BIRMAN, 1997. p. 97-98).

Observamos que o texto de Freud de 1919b, um ano antes da virada de 1920, *Das Unheimliche* abriu espaço para as criações através do tema da repetição. Essas ligadas ao tema da estética em 1919b e a pulsão de morte em 1920. A complexidade de uma obra aberta como a de Freud possibilita enlaces entre temas que se articulam, como a compulsão à repetição e a *Unheimliche*, mantendo a heterogeneidade desses conceitos.

4 METODOLOGIA

Esta investigação foi realizada nas narrativas midiáticas sobre figura da vítima, e foi de natureza qualitativa, utilizando a coleta documental a partir de periódicos publicados e a análise dos dados através da análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin (2016). A escolha desse método ocorreu a partir da escolha por pesquisa sobre narrativas midiáticas e não por discursos de sujeitos.

4.1 OBJETO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada sobre as narrativas midiáticas da enchente no Vale do Itajaí, SC. A região do Vale do Itajaí é formada por 54 municípios agrupados em quatro microrregiões: Blumenau, Itajaí, Ituporanga e Rio do Sul.

A fim de compreender o fenômeno “enchente”, utilizamos o trabalho em Engenharia Ambiental, realizado por G. A. Piazza et al. (2015), onde os autores descreveram o movimento de massa como um fenômeno (de ordem geológica) que pode ser desencadeado por condições meteorológicas extremas, em que um material inconsolidado move-se encosta abaixo sob a ação da força da gravidade. Tais fenômenos são observados em diversas condições geomorfológicas e climáticas em diversas partes do globo. A falta de políticas adequadas de uso e ocupação do solo permite que muitas áreas vulneráveis a movimentos de massa sejam povoadas (AUGUSTO FILHO; ALHEIROS, 1997; HIGHLAND; BOBROWSKY, 2011; AUMOND; BACCA, 2012 apud PIAZZA et al., 2015). Segundo esses autores, a região do Vale do Itajaí é uma região sujeita a esses movimentos de massa denominados pela sociedade por enchente.

Esta pesquisa investigou narrativas de periódicos num intervalo de tempo de um mês após o início da enchente de 2014 na região do Vale do Itajaí, SC. A primeira reportagem 9 de junho de 2014, intitulada *Drama no Norte- Norte revive drama das cheias*. O jornal escolhido foi *A Notícia*, de Joinville, por ter uma publicação regional diária. As narrativas coletadas foram aquelas que, de algum modo, estavam relacionadas à enchente no Vale do Itajaí, SC. As edições impressas do jornal *A Notícia*, de 2014, foram copiadas a partir de arquivo digital.

4.2 COLETA DE DADOS

A presente pesquisa contou, como objeto de investigação, com documentos produzidos pelo jornal *A Notícia* e analisou o conceito de vítima proposto pela mídia a partir de três categorias e cinco subcategorias. Foi realizado um contato prévio com a editora-chefe deste jornal a fim de situar onde poderia ser realizada a coleta do material. As reportagens foram, então, copiadas, pois fazem parte do acervo digital do jornal. Para acesso a um número maior de matérias arquivadas foi necessária a realização de assinatura do jornal.

Esta pesquisa possui caráter documental. Destacamos que Maria Cecília de Souza Minayo (2010) aponta que Bachelard (1978) chamou atenção para o fato de que os textos não falam por si, eles respondem a indagações dos investigadores. Por isso, recomendou como importante listar os documentos a investigar, bem como a natureza das informações que interessam. Nessa perspectiva, as narrativas midiáticas pesquisadas foram aquelas que de alguma forma estavam relacionadas à enchente ocorrida em 2014 e escolhida como campo de investigação.

4.3 INSTRUMENTO DA COLETA DE DADOS

Como instrumento desta investigação foram utilizadas as narrativas de periódicos no intervalo de um mês após o início da enchente de 2014 no Vale do Itajaí, SC e que tratam do tema deste acontecimento. Foi escolhida a enchente de 2014 por ser recente e por sua intensidade, sendo que o nível das águas chegou a segunda maior marca já registrada, superada apenas historicamente pela enchente de 1992. O jornal escolhido foi *A Notícia*, de Joinville, SC, por ter uma publicação regional e diária. Coletamos 110 reportagens relacionadas a essa enchente.

4.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados coletados nesta pesquisa foi realizada segundo análise de conteúdo descrita por Laurence Bardin (2016). Segundo a autora, a análise de conteúdo, enquanto método, corresponde a “um conjunto de técnicas de análise das

comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2016, p. 44). A intenção desta análise é, a partir de procedimentos e descrições, permitir a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 2016).

Como pré-análise, destacamos, entre todas as edições impressas a partir do dia 09 de junho de 2014, reportagem intitulada *Drama no Norte- Norte revive drama das cheias*, em que marca o início das narrativas da enchente de 2014, aquelas que mostravam o tema enchente. Determinamos a priori um período de um mês de reportagens.

A princípio, separamos também reportagens sobre o clima, previsões e artigos sobre meio ambiente. Como essa primeira etapa, de pré-análise, organizamos todo esse material de maneira cronológica. Numa segunda etapa, ao explorar o material, percebemos que as narrativas diretamente relacionadas às enchentes foram então destacadas e organizadas de maneira cronológica. O material utilizado para as categorias foi, portanto, retirado de 110 reportagens que diretamente abordavam a enchente no Vale do Itajaí que compreendeu o período de 9 de junho de 2014 a 9 de julho de 2014. Sendo que a última publicação utilizada para pesquisa continha uma sessão intitulada ‘Um mês da enchente’.

Foram organizadas as narrativas de acordo com categorias estabelecidas à priori pelo material teórico utilizado: Vítima, Trauma e Repetição. Observou-se que a categoria Vítima abrangia um material maior e com possibilidade da formação de cinco subcategorias: Compaixão, Piedade, Vítima Virtual, Política da Vítima e Fraternidade.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1.1 Vítima

Segundo Didier Fassin e Richard Rechtman (2009), vítima é pessoa assim reconhecida através de um indicativo de autenticidade dado ao sofrimento a partir da *nova linguagem do acontecimento*, onde os fatos são interpretados como traumáticos. Essa categoria reúne narrativas que associam o sofrimento à enchente ocorrida.

“Outro caso grave decorrente das chuvas aconteceu em Guaramirim, na manhã de domingo. Djonatan Eduardo Klitzke, de oito anos, está internado na unidade de tratamento intensivo do Hospital Materno-Infantil de Joinville e luta pela sobrevivência. Ele permaneceu cerca de oito minutos soterrado após um deslizamento de terra atingir os fundos da residência dos seus pais.”⁷

“Dormir fora de casa com diversas incertezas foi a realidade para 310 desabrigados de Guaramirim, no Vale do Itapocu.”⁸

“Estou com o meu coração arrebatado, é muito triste. São bens materiais, mas que a gente sofreu para conseguir, lutou dia após dia. E, de repente, você vê tudo isso indo por água abaixo.”⁹

“Segundo relatório da Defesa Civil do Estado, cerca de 50 mil pessoas ficaram desalojadas e seis mil desabrigadas por causa da enchente. Além disso, 28 pessoas ficaram feridas e duas morreram.”¹⁰

5.1.1.1 Compaixão

⁷ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. A 1ª Vítima fatal da enchente.* 10/06/2014.

⁸ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Moradores do Vale tentam se reerguer.* 10/06/2014.

⁹ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Cenário de desolação.* 10/06/2014.

¹⁰ A NOTÍCIA. *Atenção redobrada. Previsão de chuva deixa Planalto Norte em alerta.* 14/06/2014.

Segundo Arendt (2001 apud VAZ; RONY, 2011), a compaixão seria um sentimento representado através do posicionamento dos que não sofrem frente ao sofrimento alheio narrado ou exposto através de um sofrimento único, fortemente individualizado. Seria um cosofrimento, como se o sofrimento de um fosse contagioso em outro e não cria instituições políticas duráveis, sendo sempre violenta (ARENDRT apud SELIGMANN-SILVA, 2009). Seligmann-Silva (2009) aponta que a compaixão está escondida atrás da solidariedade quando as ações solidárias são precárias e perpetuam a exclusão.

Essa subcategoria compreende as narrativas que tratam do tema da necessidade de ajuda e socorro a uma pessoa de forma individualizada, bem como as doações realizadas em data religiosa.

“Em vez de serragem colorida, solidariedade. Essa é a proposta feita por algumas paróquias de Jaraguá do Sul no feriado de Corpus Christi, amanhã.”¹¹

“Neste ano, as paróquias [...] decidiram celebrar a data de um jeito diferente: em vez dos tradicionais tapetes nas ruas, os fiéis estão sendo convidados a contribuir com donativos para os atingidos pela enchente da semana passada.”¹²

“Os alimentos, materiais de higiene e limpeza e roupas poderão ser entregues no dia da missa. [...] Sendo a Eucaristia a festa da partilha, pedimos que todos façam um ato de solidariedade.”¹³

5.1.1.2 Piedade

Segundo Arendt (2001 apud VAZ; RONY, 2011), piedade é o sentimento dirigido a uma massa indiferenciada para a qual o sofrimento representado tem caráter exemplar, pois pretende ser a representação de uma realidade coletiva. Segundo Arendt (apud SELIGMANN-SILVA, 2009), piedade é um sentir sem ser tocado, possuindo uma capacidade maior para crueldade que a própria crueldade.

¹¹ A NOTÍCIA. *Feriado de Corpus Christi. Celebração à solidariedade*. 18/06/2014.

¹² A NOTÍCIA. *Feriado de Corpus Christi. Celebração à solidariedade*. 18/06/2014.

¹³ A NOTÍCIA. *Feriado de Corpus Christi. Celebração à solidariedade*. 18/06/2014.

Essa subcategoria engloba as descrições de doações a grupos carentes, a descrições de situações humilhantes pela vergonha ou castigo.

“Outra cidade do Vale do Itapocu bastante castigada foi Corupá, a segunda com maior volume de chuva registrado: 351 mm.”¹⁴

“Pelo menos 20 voluntários, entre professores, cozinheiras e auxiliares, ajudam a cuidar dos desabrigados. Estamos autorizados a usar tudo que é da merenda da escola para alimentá-los.”¹⁵

“A diretora da escola apela para que as pessoas façam doações de água, pois o colégio conta apenas com um reservatório e a água está sendo usada nos banhos dos desabrigados, na cozinha e para beber.”¹⁶

“Até o final da tarde de sexta-feira, os voluntários da Central Solidária distribuíram 55 toneladas de donativos às vítimas da enchente do Norte de Santa Catarina. Os materiais foram doados pela população e empresas da região ao longo da semana.”¹⁷

“Eu não consigo um fiador para alugar a casa. [...] não quero mais passar vergonha – diz Marli.”¹⁸

5.1.1.3 *Vítima virtual*

Vítima virtual é um conceito concebido por Vaz e Rony (2011) no qual a figura de vítima é generalizada a todos que assistem a um acontecimento e que são traumatizados e que concorda com a observação de Fassin (2002 apud VAZ; RONY, 2011) de que a diferença entre piedade e compaixão esteja se desfazendo. A vítima virtual corresponde a um sofredor não anônimo e com detalhes de sua vida pessoal, a fim de que tanto a audiência se identifique com ela quanto para marcar uma inocência e o seu amor à humanidade (VAZ; RONY, 2011). Essa subcategoria congrega narrativas sobre o percurso de vida de pessoas descritas como vítima antes da enchente e após esse acontecimento.

¹⁴ A NOTÍCIA. *Drama no Norte. Cratera na 280*. 09/06/2014.

¹⁵ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Moradores são levados para abrigos provisórios*. 10/06/2014.

¹⁶ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Moradores são levados para abrigos provisórios*. 10/06/2014.

¹⁷ A NOTÍCIA. *Atenção redobrada. Mais de 50 toneladas*. 14/06/2014.

¹⁸ A NOTÍCIA. *Enchente. Dificuldade para alugar imóvel*. 26/06/2014.

“Um dia antes de confirmada a morte de Djonatan, o avô dele, Moacir Kamer tentava lidar com a tristeza de uma possível perda. Não foi a primeira vez que Moacir esteve nas portas de uma UTI. A sua esposa também sofreu um atropelamento e tem saúde frágil. A filha dele, Josi, mãe de Djonatan, continua internada em um hospital de Jaraguá do Sul, em recuperação após passar por uma cirurgia na perna. Dos hospitais por onde passou, Moacir leva, além da tristeza, o ensinamento: ‘Aprendi o valor da vida, o valor do sentimento humano’.”¹⁹

“Já Denis Ferreira da Silva e Maria das Dores estão no abrigo junto de seus sete filhos. Retirados da casa, no bairro Centenário, pelos bombeiros, na madrugada de domingo, dia 7, eles estão impossibilitados de retornar: o chão da casa rachou e as paredes internas cederam com a força da água. Denis e Maria pagavam aluguel de R\$350. Agora, os móveis já mapeados custam, em média, R\$ 600, valor que prejudicaria o orçamento familiar.”²⁰

“Divanilda da Silva e seu marido, Maicon Bloedorn, passam pela mesma situação. A casa no bairro Rau foi tomada pelas águas. Tudo o que havia no imóvel foi danificado. Buscando uma nova casa, eles encontraram apenas preços altos.”²¹

“Para ajudar a família Klitzke a construir uma nova casa, uma rifa será realizada no Society Guará [...]. No mesmo dia e local, acontece uma feijoada para arrecadar recursos para a família.”²²

5.1.1.4 Política da vítima

Política da vítima é aquela que denuncia o Estado, na qual as razões da negligência e descaso com a sociedade são atribuídas à falta de cuidado e as autoridades são criticadas por suas falhas pessoais causarem a tomada de decisões

¹⁹ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Morre menino que foi soterrado*. 11/06/2014.

²⁰ A NOTÍCIA. *Cheias no Vale do Itapocu. Atingidos buscam auxílio*. 17/06/2014.

²¹ A NOTÍCIA. *Cheias no Vale do Itapocu. Atingidos buscam auxílio*. 17/06/2014.

²² A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. Rifa e feijoada para construir uma nova casa*. 27/06/2014.

incompetentes, ilegais, corruptas ou populistas. Nela, todos estão em crédito com o Estado (VAZ; RONY, 2011). Essa subcategoria reúne as narrativas que apresentam o Estado como devedor e como responsável pelo cuidado posterior ao acontecimento.

“Ontem à tarde, o governador Raimundo Colombo avaliou como “uma enchente pequena e rápida” e informou que toda a estrutura da Defesa Civil estava em campo.”²³

“Ontem, o governador divulgou na sua página do Facebook esclarecimento em relação à frase dita no domingo avaliando a enchente como “rápida e pequena”. Segundo o governador, a frase foi mal interpretada. Ele pediu desculpas e disse que “toda e qualquer enchente que atinja alguém é grave” e prometeu o fortalecimento da Defesa Civil.”²⁴

“Os trabalhadores atingidos pela chuva em Jaraguá do Sul estão à espera da liberação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) para recuperar parte dos estragos sofridos.”²⁵

“[...] a Prefeitura busca formas de minimizar os prejuízos à população. O desconto de 50% para uso da hora-máquina em propriedades rurais é uma das medidas adotadas. Ela foi somada à iniciativa de cobrar uma taxa diferenciada de água para os imóveis atingidos. [...] Também foi suspenso o pagamento do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN).”²⁶

Nessa subcategoria *política da vítima*, acrescentamos duas narrativas que conferem ao Estado um lugar vitimizado, pobre e que necessita da ajuda de quem possui recursos financeiros:

²³ A NOTÍCIA. *Drama no Norte. Queda de barreira e interdições*. 09/06/2014.

²⁴ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Governador*. 10/06/2014.

²⁵ A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. À espera de liberação do FGTS*. 13/06/2014.

²⁶ A NOTÍCIA. *Enchente. Ações para amenizar as perdas*. 26/06/2014.

“Para aqueles que já pagavam aluguel, as equipes estão ajudando na busca de novas moradias e pedindo aos donos que, ao menos, o adiantamento seja abatido. Os donos dos imóveis, porém, são irredutíveis.”²⁷

“Como se vê, não existe um fundo específico para socorrer. Como município é a célula mais pobre do País, vai ter que pedir socorro nas esferas estadual e federal. Nessa hora se vê como é essencial a reforma tributária.”²⁸

5.1.1.5 *Fraternidade*

A fraternidade, segundo Birman (2006), é a construção de laços de amizade e solidariedade entre as pessoas de maneira independente da ligação sanguínea e através do esvaziamento da superioridade e fundamentado pela feminilidade, enquanto reconhecimento do que falta, e marcado pelo desamparo e pela dimensão alteritária que implica um cuidado com o outro. Na fraternidade, o outro é reconhecido como igual através do reconhecimento de sua não autossuficiência e inserido em um registro fora do eixo de rivalidade.

Essa subcategoria reúne descrições de ações de solidariedade a partir da igualdade de condições prévias, marcando que a identificação com o semelhante propiciou um vínculo e a entrega de auxílio. Quem doa, nessas narrativas, é descrito como parceiro na dificuldade, e não como senhor de domínio ou como diferente por causa da posse de um bem.

“Nunca vi tanta água vindo de tantas direções. Um vizinho meu usou um bote para nos tirar de casa – lembrou.”²⁹

“O casal Chirley Bartel Avi e Valdir Avi foi responsável por garantir o abastecimento de água de pelo menos cinco moradias da rua deles – isso até ontem pela manhã. A expectativa era de que esse número aumentaria à tarde. O casal tem um poço na residência e de lá retira água para consumo da família. Desde sábado, quando a chuva ficou mais forte e

²⁷ A NOTÍCIA. *Cheias no Vale do Itapocu. Atingidos buscam auxílio.* 17/06/2014.

²⁸ A NOTÍCIA. Artigo. *Enchente, por Honório Tomelin.* 20/06/2014.

²⁹ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Moradores do Vale tentam se reerguer.* 10/06/2014.

casas foram invadidas pela água, o Samae deixou de abastecer o bairro de Chirley e Valdir, que imediatamente ofereceram ajuda a quem precisasse. ‘Minha esposa saiu avisando toda a vizinhança de que havia água em casa, e quem quisesse poderia vir pegar – conta Valdir’.”³⁰

“Andressa Radunz ergueu a geladeira e a máquina, porém, as águas subiram. Quando ela ainda limpava a sua casa, situada no bairro Vila Lenzi, um homem se aproximou e ofereceu-se para realizar a secagem dos aparelhos. [...] O homem misterioso não deixou contato ou endereço, porém, atendeu ao menos 15 pessoas que moram na rua de Andressa. Tudo gratuitamente.”³¹

“Moradores de Rio Negrinho, uma das cidades mais atingidas pela enchente da última semana no Planalto Norte, saem às ruas para limpar casas e lojas e ajudar as pessoas que precisam de apoio.”³²

5.1.2 Trauma

Segundo Laplanche e Pontalis (1986), trauma, a partir de Freud, expressa três significações em sua utilização no plano psíquico: a de uma ruptura, a de um choque violento e a de consequências sobre o conjunto da organização. É considerado como a qualidade de uma experiência psíquica a partir dos afetos penosos causados por um acontecimento na história de um indivíduo e a sua suscetibilidade aos mesmos, em função de uma perturbação econômica de como a energia opera nele (FREUD, 1917 [1916-1917]). Nela, há uma falta de preparação para o perigo e o predomínio de uma compulsão à repetição, além do princípio do prazer, e, então, uma busca pelo vínculo de quantidades de estímulo, através da repetição, a fim de dominá-las e delas se desvencilhar (FREUD, 1920).

A situação traumática é definida como aquela em que o ego se encontra sem recursos para desencadear um sinal de ansiedade e se encontra soterrado pela angústia automática (FREUD, 1926). Para Ferenczi (1992), há uma comoção psíquica quando acontece uma perda da forma própria, ou seja, de um sentimento

³⁰ A NOTÍCIA. *Jaraguá e Corupá. Casal presta solidariedade a vizinhos.* 10/06/2014.

³¹ A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. Nem tudo deve ser eliminado.* 13/06/2014.

³² A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. Unidos pela reconstrução.* 18/06/2014.

de estar seguro de si quando houve uma ausência de preparo para um evento, dando lugar a um sentimento de decepção. A angústia, para esse autor, é a consequência direta do traumatismo e caracteriza-se por um sentimento de incapacidade de adaptação à situação desprazerosa e uma utilização da autodestrutividade.

Como essa pesquisa foi realizada com narrativas midiáticas, recorreremos à descrição que Fernanda Canavez e Regina Herzog (2014) realizaram sobre traumatismo, baseadas nas ideias de Fassin e Rechtman (2009), como uma construção social onde a cultura enaltece a vítima e a concepção de susto não está presente na experiência, porém, onde é extrapolado o registro de inesperado. O sentimento de que um trauma é coletivo pode encobrir uma crise: essa observação também foi publicada por Fassin e Rechtman (2007 apud WEINTRAUB; VASCONCELLOS, 2013) quando refletiram sobre crises e catástrofes em que a referência a um trauma reforçava uma exclusão moral de alguns grupos e manifestou-se através da compaixão e afetos de solidariedade.

Essa categoria, portanto, engloba as narrativas que descrevem acontecimentos como catastróficos através de uma concepção de previsão e inesperado apresentadas lado a lado, pois, como fundamentamos teoricamente na categoria de traumatismo, o conceito de susto não está presente, porém há um encobridor tido como inesperado e uma concepção de que todos são atingidos de maneira semelhante, desmentindo o que já era esperado, assim como uma diferença social.

“Em Blumenau, o rio Itajaí-açu deveria chegar a 10 metros às 3 horas desta segunda, segundo o Centro de Operação do Sistema de Alerta (Ceops). O rio atingiu 8,79 metros às 20 horas de ontem, o que já alaga ruas na cidade.”³³

“O meteorologista do Grupo RBS Leandro Puchalski reforça que são vários os fatores que provocam fortes chuvas neste período, não sendo reflexos ainda do El Niño. ‘O El Niño provoca muita chuva, mas nem toda chuva é culpa dele’ – compara, ao explicar que a ocorrência dos últimos

³³ A NOTÍCIA. *Drama no Norte. Médio Vale em Alerta*. 09/06/2014.

dias levou em conta fatores como áreas de instabilidade reforçadas pelo deslocamento de uma frente fria.”³⁴

“Venceslau Kowalski, 89 anos, perdeu todas as suas roupas e eletrodomésticos. – A força da água assustou mais.”³⁵

“Moradores de Rio Negrinho, no Planalto Norte, relatam os momentos de medo e tensão que viveram nos últimos dias e como estão enfrentando uma das maiores enchentes da história da cidade.”³⁶

“Essa é a primeira vez que a água chega lá.”³⁷

“Xenia ainda lembra da velocidade com que a água invadiu a sua residência, deixando pouco tempo para salvar os pertences e sair de casa.”³⁸

“As parcerias com voluntários e clubes resultaram em ações rápidas para a população. O resultado foi a inexistência de registros de feridos ou mortos durante a enchente. Para o diretor de respostas da Defesa Civil de Jaraguá, Maicon Leandro da Costa, a eficácia do serviço é resultado de um conjunto de fatores: desde a ágil ação da Prefeitura ao mobilizar equipes e decretar o estado de emergência, passando pela experiência adquirida pela equipe e o apoio de parceiros.”³⁹

“Um barranco caiu perto. Me disseram para voltar, mas se ouvisse algo estranho deveria sair. Porém, eu trabalho e tenho medo de deixar os meus filhos sozinhos em casa.”⁴⁰

“O que não pode, segundo ele, é ficar vendo a previsão do clima e os alertas de chuvas e desastres e agir depois.”⁴¹

“Apesar de a previsão meteorológica mostrar volumes maiores de chuvas para as regiões da Serra, Oeste e Sul de SC, a Defesa Civil do Norte do

³⁴ A NOTÍCIA. *Drama no Norte. Semana de tempo seco.* 09/06/2014.

³⁵ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Moradores do Vale tentam se reerguer.* 10/06/2014.

³⁶ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Cenário de desolação.* 10/06/2014.

³⁷ A NOTÍCIA. *Jaraguá e Corupá. Hora de reconstruir Jaraguá.* 10/06/2014.

³⁸ A NOTÍCIA. *Jaraguá e Corupá. Hora de reconstruir Jaraguá.* 10/06/2014.

³⁹ A NOTÍCIA. *Jaraguá e Corupá. Abastecimento prejudicado.* 10/06/2014.

⁴⁰ A NOTÍCIA. *Cheias no Vale do Itapocu. Atingidos buscam auxílio.* 17/06/2014

⁴¹ A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. Prefeitos das cidades atingidas terão desafios, diz especialista.* 18/06/2014.

Estado está atenta, principalmente no Planalto Norte, onde vários municípios foram atingidos pela enchente no início do mês.”⁴²

“Em Guaramirim, cidade mais afetada pela última enchente no Vale do Itapocu, três pluviômetros foram instalados em áreas de risco. A proposta é reforçar o monitoramento na região.”⁴³

“A gente vai dormir e, quando escuta qualquer chuvinha, já dá medo – desabafa Adriano.”⁴⁴

5.1.3 Repetição

A repetição é a ação cuja frequência de semelhança com experiências anteriores provoca impressões que facilita conexões e estabelece diferenças que produzem a memória. A repetição, enquanto busca pelo que não está mais é chamada de desejo (FREUD, 1895). Quando a repetição procura uma quantidade, uma soma, que se descarrega ela é vista como vontade (FREUD, 1895) e como o destino (FREUD, 1919b). E destino é definido como algo que está além das forças apropriadas por si, fala-nos sobre o retorno periódico de acontecimentos e remete a um sentimento de estranhamento, a um familiar assustador, a um inquietante (FREUD, 1919b). A compulsão à repetição é a maneira como o psiquismo pode ser estruturado, quando um sujeito pretende ocupar um lugar ativo diante de um trauma e do excesso pulsional, buscando, pelo desprazer da repetição, uma antecipação da dor e de uma ameaça de morte psíquica (BIRMAN, 2006).

Essa categoria corresponde às narrativas que apresentam a comparação a fim de situar acontecimentos semelhantes, outras enchentes, tanto no que foi da mesma forma como o que foi novo e causou um despreparo, como as narrativas que expressam a expectativa de voltar ao estado anterior a enchente, a fim de proteger-se, e, ainda, a repetição da situação que é a causadora de um estranho, um sinistro.

⁴² A NOTÍCIA. *Chuva. Defesa Civil está em alerta na região*. 25/06/2014.

⁴³ A NOTÍCIA. *Chuva em SC. Defesa Civil mantém alerta*. 28/06/2014.

⁴⁴ A NOTÍCIA. *Um mês da enchente. Busca por recursos ainda continua*. 08/07/2014

“De acordo com Puchalski, ainda é cedo para afirmar se haverá mais chuva intensa nas próximas semanas, pois isso depende da repetição de condições climáticas.”⁴⁵

“O incidente fez a família Klitzke reviver um filme de terror passado de seis anos atrás. Na época, em 2008, ela também teve a casa destruída por um deslizamento de terra. A diferença é que, naquela ocasião, não estavam envolvidas pessoas.”⁴⁶

“Depois da enchente, Jaraguá começa a retomar a sua rotina.”⁴⁷

“O objetivo é obter recursos para obras de reconstrução e prevenção.”⁴⁸

“Irineu afirma que muitas famílias retornaram às suas casas sem autorização da Defesa Civil, o que pode trazer riscos.”⁴⁹

“A orientação é para que as pessoas que estão desabrigadas e desalojadas não retornem para as suas residências, especialmente aquelas que estão interditadas.”⁵⁰

“Após o desabamento da moradia, no bairro Nova Esperança, em Guaramirim, o que Valmir mais deseja é que, na medida do possível, a vida volte ao normal.”⁵¹

“Mesmo com todos os móveis e objetos que permitiram a retomada da vida, a rotina não é mais a mesma e as últimas semanas foram marcadas pelo sentimento de recomeço.

“Foi um mês difícil. Nem esperávamos ganhar tantas coisas. Mas agora, com o tempo, vimos que faltam coisas e faltam as nossas coisas – fala Luzia.”⁵²

⁴⁵ A NOTÍCIA. *Drama no Norte. Semana de tempo seco.* 09/06/2014.

⁴⁶ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. A 1ª vítima fatal da enchente.* 10/06/2014.

⁴⁷ A NOTÍCIA. *Jaraguá do Sul. Aos poucos, rotina é retomada.* 11/06/2014.

⁴⁸ A NOTÍCIA. *Reconstrução. Corupá busca ajuda financeira.* 11/06/2014.

⁴⁹ A NOTÍCIA. *Chuva em SC. Guaramirim precisa de doações.* 13/06/2014.

⁵⁰ A NOTÍCIA. *Atenção redobrada. Moradores de encostas devem ficar atentos aos deslizamentos.* 14/06/2014.

⁵¹ A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. O difícil recomeço dos Klitzke.* 27/06/2014.

⁵² A NOTÍCIA. *Um mês da enchente. Ajuda para voltar à rotina.* 09/07/2014.

5.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Percebemos diante das categorias analisadas que a categoria vítima apresentou conteúdo de acordo com a descrição de Didier Fassin e Richard Rechtman (2009) sobre a temática do reconhecimento da vítima a partir do acontecimento tido como traumático, nesse caso, a enchente de 2014, e ampliamos essa observação através das subcategorias: compaixão, piedade, vítima virtual e política da vítima, a fim de enlaçar o sentido social, conforme o percurso teórico realizado por esses autores.

Enchente é um movimento de massa no solo cujo fator desencadeante está calcado nas condições meteorológicas extremas, ou seja, uma enchente é consequência de uma condição de clima, em que o nível das águas dos rios aumenta em função de muita chuva que desloca material geológico. E pontuamos, nessas narrativas sobre as enchentes em SC em 2014, que a situação foi tomada como traumática e produtora de vítimas como um artifício social. Tomamos trauma, enquanto conceito em psicanálise, não apenas para traçar um contraponto em relação ao conteúdo relacionado ao traumatismo social nas narrativas, como também um vértice de discussão sobre as tentativas de previsão climáticas como uma tentativa de interpretação de que as enchentes seriam eventos inesperados e com consequências imprevisíveis. No trauma, o excesso presente, ou por susto e despreparo, ou por falta de descarga ou de ligação, são psíquicos e de um campo que não fez parte de nosso objeto de pesquisa, porém as narrativas apresentaram o conteúdo da falta de preparo em muitas vezes utilizando esse viés como a comprovação de causa do traumático da enchente e, portanto, gerador de vítimas.

O conteúdo de uma falta de preparo como relacionado ao trauma, na trajetória de construção desse conceito em psicanálise, sempre esteve presente, mesmo ainda quando a teoria da angústia não havia ganhado o corpo da angústia automática e sinal e ausência de descarga dos estímulos era o eixo fundamental. Porém, o traumatismo, enquanto diferença conceitual apresentada por Canavêz e Herzog (2014), ao estudarem a obra de Fassin e Rechtman (2009), esteve presente nas narrativas exaltando a concepção de susto sem que isso estivesse apoiado na experiência, pois as enchentes são reincidentes.

Dentro da categoria vítima, outra subcategoria foi também utilizada como um contraponto para discussão: fraternidade. O conteúdo fraternidade esteve presente

em narrativas que apresentaram a questão da vizinhança como portadora de possibilidades de saída diante de dificuldades comuns.

Nessa análise, dois pontos foram nossos norteadores para discussão: o tema da falta de preparo para o acontecimento e a diferenciação entre os conceitos de piedade e fraternidade, nomeados, muitas vezes, pela cultura e, nessas narrativas, como solidariedade. A fraternidade foi considerada nessa coleta como uma subcategoria por conter o contraponto da condição vitimizada, ou seja, aquelas narrativas que contemplaram o auxílio promovido pelo reconhecimento do semelhante, ou seja, da igualdade. Percorremos, em análise, hipóteses sobre o argumento de enlace entre esses dois achados: a busca de preparo para as enchentes e a solidariedade.

A dimensão econômica da metapsicologia freudiana foi fundamental para as revisões e ampliações freudianas no estudo sobre o trauma. Além das quantidades de estímulos terem sido vistas primeiramente como provenientes do exterior, o excesso estava relacionado à falta de encaminhamento adequado ao que ingressava psiquicamente. A quantidade presente que excedia e se tornava excessiva nos acontecimentos traumáticos era aquela que não conseguia ser vinculada psiquicamente. Esse eixo foi sendo trabalhado e, na hipótese do escudo protetor, em 1920, esse poderia falhar por um excesso de quantidade de estímulo. A falta de proteção contra os estímulos foi então ganhando mais força e a falha de angústia sinal, em 1926, como angústia protetora, enfocou, com maior evidência, a concepção do despreparo presente no trauma.

Percebemos, nessas narrativas, que o depósito da causalidade para enchente foi realizado através da condição climática e, sendo assim, um dos possíveis preparos para lidar com a enchente deveria ser a ampliação das formas do conhecimento prévio do clima:

“O meteorologista do Grupo RBS Leandro Puchalski reforça que são vários os fatores que provocam fortes chuvas neste período, não sendo reflexos ainda do El Niño. ‘O El Niño provoca muita chuva, mas nem toda chuva é culpa dele’ – compara, ao explicar que a ocorrência dos últimos

dias levou em conta fatores como áreas de instabilidade reforçadas pelo deslocamento de uma frente fria.”⁵³

“O que não pode, segundo ele, é ficar vendo a previsão do clima e os alertas de chuvas e desastres e agir depois.”⁵⁴

“Em Guaramirim, cidade mais afetada pela última enchente no Vale do Itapocu, três pluviômetros foram instalados em áreas de risco. A proposta é reforçar o monitoramento na região.”⁵⁵

Estar despreparado para um acontecimento abre a discussão sobre o preparo não presente em contraponto à repetição do mesmo. O registro do inesperado está extrapolado, segundo Canavêz e Herzog (2014), em referência à Fassin e Rechtman (2009), quando ocorre um uso social do traumatismo. Percebemos com clareza nessas narrativas que o que ultrapassa esse registro do inesperado aparece tanto na repetição dos acontecimentos semelhantes quanto na própria previsão do tempo. Aparecendo também nelas uma ideia de que a previsão agora poderia ser do deslizamento da terra tanto pelo volume de água, instalando pluviômetro, quanto através de um aviso a partir do ruído.

“Um barranco caiu perto. Me disseram para voltar, mas se ouvisse algo estranho deveria sair. Porém, eu trabalho e tenho medo de deixar os meus filhos sozinhos em casa.”⁵⁶

Teoricamente, a angústia sinal não presente poderia representar uma tentativa em construí-la. Isso estaria no contexto da compulsão à repetição, ou seja, na compreensão de sujeitos que repetem em ato o que não está suficientemente elaborado e que a possibilidade de transformação de angústia automática em sinal estaria em construir ligações para estancar a repetição. A *Verleugnung* pode ser um resultado da compulsão a repetir pela impossibilidade de perceber o sinal que provocaria angústia. Porém, estamos, neste trabalho, diante de narrativas

⁵³ A NOTÍCIA. *Drama no Norte. Semana de tempo seco.* 09/06/2014

⁵⁴ A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. Prefeitos das cidades atingidas terão desafios, diz especialista.* 18/06/2014.

⁵⁵ A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. Defesa Civil mantém alerta.* 28/06/2014.

⁵⁶ A NOTÍCIA. *Cheias no Vale do Itapocu. Atingidos buscaram auxílio.* 17/06/2014.

mediáticas, não estamos realizando compreensão de sujeitos, então a teoria sobre o trauma pode ser utilizada como uma associação a refletir sobre o que ocorre, mas com o cuidado em não ser tomada como uma interpretação.

Essas narrativas de despreparo para um acontecimento, lado a lado ao relato de que essas enchentes possuem como uma data marcada em calendário para ocorrerem nos inquieta. O despreparo não ocorreu em relação à situação do nível das águas, ou em relação à rapidez com que avançaram pelo solo, o despreparo não está em relação a esse fato, mas o despreparo encobre o desamparo presente a quem o nível das águas atinge, desamparo diante do nível da diferença social. Pois o preparo anunciado seria para a destruição que a enchente provoca, porém, uma prevenção, a partir de uma tentativa a prever o tempo que seria a causa da enchente em si, não protege ninguém em relação a causa do estrago provocado pela enchente. Ele não é causado pela enchente em si e este seria o sinal que não pode aparecer, porque denunciaria uma diferença social. A enchente atinge aqueles nomeados como desabrigados, aqueles que se deslocam ao sabor do movimento das águas, como se fosse a natureza que os dominasse. Porém, o domínio não é realizado pelas águas, mas pelo desmentido da diferença social. Diferença social, porque as narrativas abriram também espaço para uma máscara de solidariedade encobridora de um sentimento cruel, a piedade. Percebemos o movimento de fraternidade que não alcança o objetivo em função de *Verleugnung* em relação à causa do problema: a consequência das enchentes é a destruição das casas, sendo esse um problema social e não da natureza.

Em nosso percurso teórico, utilizamos a referência à pesquisa sobre desastres no RJ e conceitualizamos uma subcategoria, política da vítima, na qual o Estado seria denunciado por sua negligência. Desejamos agora dar foco a uma das narrativas:

“Como se vê, não existe um fundo específico para socorrer. Como município é a célula mais pobre do país, vai ter que pedir socorro nas esferas estadual e federal. Nessa hora se vê como é essencial a reforma tributária.”⁵⁷

⁵⁷ A NOTÍCIA. Artigo. *Enchente*, por Honório Tomelin. 20/06/2014.

Essa narrativa acrescentou um elemento novo ao nosso percurso até aqui. A pobreza não é do município, porém essa narrativa coloca o município no lugar de vítima. É como se o município, enquanto recebedor de tributos, fosse uma das vítimas da enchente, encobrindo o fato de que as enchentes, conhecidas em sua forma, não provocariam desabrigo se todos tivessem direito à proteção. Não foi apenas utilizado o nome do município enquanto vítima, como nomeando ou representando um grupo de pessoas, moradores e cidadãos de uma localidade, mas usado o município como dono de poucos tributos e, por esse motivo, vítima, município como célula pobre. E, ainda, a desproteção das pessoas não está em relação às águas, mas na diferença social. Salientamos: afirmar que o problema seria a pobreza, ou na diferença social nessas narrativas, seria encobrir novamente a questão através de uma simplificação. O problema é o desmentido realizado em relação à diferença social, não somente a diferença social em si. A piedade e a compaixão também são encobridoras, através da narrativa de solidariedade, da crueldade. Pensamos, então, que a fraternidade poderia ser o eixo com possibilidade de revelar essa diferença. Retomaremos esse ponto mais adiante.

Nas narrativas abaixo, encontramos a descrição de que um nível já conhecido de águas foi ultrapassado, ou pelo próprio nível, ou pela rapidez. Presente nas narrativas: “chegar lá” e “velocidade” são os parâmetros comparativos que foram descritos para assemelhar a enchente de 2014 a outra ou para diferenciá-la através da rapidez. Pensamos que essa ideia contém a marca do excesso que, segundo Birman (1999), coloca a subjetividade na condição de desamparo. Onde a pressa e a urgência estão presentes, observamos, portanto, o conceito de trauma sendo utilizado para caracterizar um traumatismo; como se o semelhante na repetição dos acontecimentos pudesse ser desfeito pelo tempo, ou melhor, pela velocidade, como se o fato fosse novo por causa de um excesso, na ordem do diferente, presente.

“Venceslau Kowalski, 89 anos, perdeu todas as suas roupas e eletrodomésticos. ‘A força da água assustou mais’.”⁵⁸

“Essa é a primeira vez que a água chega lá.”⁵⁹

⁵⁸ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Moradores do Vale tentam se reerguer*. 10/06/2014.

⁵⁹ A NOTÍCIA. *Jaraguá e Corupá. Hora de reconstruir Jaraguá*. 10/06/2014.

“Xenia ainda lembra da velocidade com que a água invadiu a sua residência, deixando pouco tempo para salvar os pertences e sair de casa.”⁶⁰

Além do conteúdo da intensidade, dentro da categoria trauma, ele se encontra relacionado às narrativas que relatam o estranhamento e o susto diante dos acontecimentos e o conteúdo de que falta uma previsão se fizeram presente. Teoricamente, percorremos o enlace e a diferença entre a *Unheimliche* e a angústia sinal. Lacan (2005) realizou a ligação entre esses conceitos freudianos, mostrando quanto a angústia dá alarme quanto à ausência de alteridade e sinaliza o perigo de que a falta que constitui o sujeito possa não aparecer na pretensão de completude do outro. O mais familiar ao sujeito permanece o mais estranho. Esse seria o enlace aqui proposto, a *Unheimliche* como um sinal de angústia diante do homogêneo. E, através do realce oferecido por Birman (1997) ao tema da estética proposto em *Das Unheimliche* por Freud (1919b) e da utilização dessa denominação, homogêneo, presente em Lacan (2005), associamos o conteúdo de repetição e percebemos que o que não está homogêneo pode aparecer a partir da leitura. O que pode causar estranhamento, inquietar ao leitor das narrativas poderia ser o que não corresponde em sentido. Atribuir à angústia, ao susto, nessas enchentes, a falta de previsão da mesma, pode parecer *Unheimliche* para alguns leitores dessas narrativas.

E agora destacamos a diferença entre a *Unheimliche* e a angústia sinal. Estranhar o desconhecido familiar e angustiar-se como um preparo para algo não é a mesma coisa. A *Unheimliche* e a angústia sinal não são o mesmo conceito, não apenas porque aparecem em momentos distintos da obra freudiana, 1919 e 1926, respectivamente, mas também porque marcam a diferença do ingresso do conceito de pulsão de morte nas construções freudianas.

Em nosso percurso teórico, havíamos marcado a diferença entre repetição e compulsão a repetição na obra freudiana, quando, em 1914, Freud ocupava-se tecnicamente com a repetição enquanto recordação e havia proposto que, a partir de uma ruptura entre as associações substitutas, realizada através de uma interpretação transferencial, poderia haver uma perlaboração. As questões encontradas nos traumas de guerra e nos sonhos de angústia seguiram e abriram as

⁶⁰ A NOTÍCIA. *Jaraguá e Corupá. Hora de reconstruir Jaraguá*. 10/06/2014.

investigações sobre a pulsão de morte, a tendência a voltar ao estado anterior de quietude e à compulsão a repetição, e esses percursos de pesquisa deixaram trilhas para novas inquietações.

Birman (1997) articulou a *Unheimliche* ao desamparo e à sublimação, marcando que o estranhamento diante da ruptura com a homogeneidade formada pelas visões de mundo cria possibilidade de invenção no campo de saber. A angústia da *Unheimliche* advém do retorno do recalque, o familiar que causa estranhamento e pelo rompimento com a ilusão antes marcada apenas por uma repetição. A sublimação, a partir da desacomodação resultante da angústia, promove a desconstrução da realidade ilusória e o inquietante como sinal do desamparo e pode abrir espaço para a invenção de novos objetos.

O inquietante, segundo Birman (1997), é a marca do desamparo do sujeito que perdeu o suporte no Outro. Diferenciamos aqui desamparo, enquanto conceito trabalhado por Birman e ligado à ideia de sujeito, do conteúdo tomado nessas narrativas nomeando sujeitos como desabrigados e desalojados, porque estão ligados a um número de indivíduos. Essa diferença propomos argumentados na consideração que Rosa (2004) realizou entre as concepções de sujeito e indivíduo, considerando com o primeiro a dimensão dos discursos e dos laços sociais e não apenas um número, uma quantidade de pessoas. Para Birman (2006), as individualidades, a fim de se protegerem do desamparo, recorrem ao masoquismo como forma primordial de subjetivação. Necessitariam suportar a dor do desamparo para usufruir o desejo e desconstruir a servidão. Para tanto, precisam inquietar-se com o falso amparo.

A *Unheimliche* compreende o estranho familiar em Freud, a angústia sinal diante do perigo da falta de alteridade em Lacan, e a marca do desamparo em Birman. Um acontecimento repetido situa e promove um reconhecimento. A memória foi investigada sempre junto ao tema da repetição em psicanálise; tanto pela sua construção a partir da frequência de repetições de ocorrências semelhantes, criando caminhos facilitadores, como recordação, ou seja, como um retorno à lembrança pelo percurso psíquico a partir de um trilhamento já facilitado. O estudo sobre a repetição trouxe também a diferença entre acaso e causa. Porém, sair de um raciocínio marcado pelo determinismo não significa apenas considerar o acaso dos acontecimentos.

Podemos compreender que essa diferença, portanto, não é simplesmente uma contrariedade: as semelhanças não ocorrem ao acaso, por outro lado, não podem generalizar a procura por uma mesma causa. Não podem ser circulares nem fechadas os raciocínios, nem as conclusões, pois dariam espaço para o determinismo. As enchentes, enquanto fenômeno, se repetem, porém não acontecem da mesma forma. Atribuir a ocorrência da enchente a um fenômeno natural, compreendendo um susto diante do acaso, por um lado, ou aliviar a angústia diante de uma previsão do tempo, por outro, como se dessa forma houvesse uma proteção e uma segurança seriam dois lados de uma mesma moeda: a *Verleugnung* diante de uma ameaça.

É a *Verleugnung* na narrativa: a ameaça de revelar a diferença entre as condições de moradia e proteção, a ameaça de revelar que não é a enchente a responsável pelo desabrigo, mas a condição social dos sujeitos. Não basta registrar o nível das águas em comparação de semelhança com outras enchentes para construir uma proteção. Isso remeteria a uma simplificação, poderíamos dizer até a uma onipotência narcisista. Se um dia ocorreu algo de uma forma e causou violência, pela intensidade do acontecimento diante da condição de possibilidade de ligação psíquica, para ocorrer uma sensação de proteção, bastaria haver a não repetição de uma situação parcial, de qualquer elemento que tocasse na semelhança entre o acontecimento passado e o que ocorre atualmente. Porém, todo o percurso freudiano demonstrou que os elementos novos tocam nos antigos em complexidade.

Tanto em 1900, o conceito de desejo, formulado por ele como uma tentativa de uma reevocação a situação original, como em 1920, revisando a sua teoria sobre sonhos de angústia e formulando a hipótese de que as pessoas que sofrem de neuroses traumáticas esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo, percebemos a imantação, a atração, realizada na memória, o inconsciente. Pensamos que, nessas narrativas, tanto a contagem das semelhanças entre diversas enchentes, como a busca por uma previsão do que não pode ter sido previsto remeteria a princípio e aparentemente a uma situação traumática, a um excesso, ou seja, aquela que busca transformar a angústia automática em angústia sinal. Porém essa enchente foi prevista pela tecnologia meteorológica e sinalizada através da história de outras enchentes, a uma busca sobre a causa da enchente, encobrindo a causa da destrutividade.

Além, então, de a categoria de trauma– traumatismo apresentar a atribuição da causa das enchentes na falta de uma previsão de clima adequada, como vimos, evidenciamos ainda duas narrativas presentes na categoria política da vítima:

“Ontem à tarde, o governador Raimundo Colombo avaliou como ‘uma enchente pequena e rápida’ e informou que toda a estrutura da Defesa Civil estava em campo.”⁶¹

“Ontem, o governador divulgou na sua página do Facebook esclarecimento em relação à frase dita no domingo avaliando a enchente como ‘rápida e pequena’. Segundo o governador, a frase foi mal interpretada. Ele pediu desculpas e disse que ‘toda e qualquer enchente que atinja alguém é grave’ e prometeu o fortalecimento da Defesa Civil.”

⁶²

Nessas narrativas aparece tanto a presença da dimensão da enchente como a diferença de interpretação da dimensão desse acontecimento. A partir dessa diferença, retomamos a concepção sobre a confusão de línguas entre adulto e criança proposta por Ferenczi (1992), a fim de incluir o leitor como aquele que observa uma contradição, ou melhor, a confusão de uma afirmação. Há um descompasso entre a descrição de dimensão pequena da enchente e a dimensão de suas consequências apontadas pela gravidade e pela impressão descrita aqui. Ferenczi (1992), em sua formulação sobre trauma, utilizou a expressão ‘confusão de línguas’ a fim de marcar que a criança, diante do desamparo, confia pouco nos seus sentidos quando sofre uma agressão, se confunde em relação à sua maturidade e não discrimina a diferença entre a linguagem da paixão e da ternura. Relacionamos ainda esse conceito da confusão de línguas ao tema da desautorização da experiência de sofrimento para falarmos em trauma social, também apresentado na revisão de literatura. Pontuamos, novamente que a compreensão realizada não é a respeito de um possível trauma de alguém que tivesse vivenciado uma enchente qualificada como pequena e rápida, mas o trauma que pode ser vivido pela

⁶¹ A NOTÍCIA. *Drama no Norte. Queda de barreiras e interdições*. 09/06/2014.

⁶² A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Governador*. 10/06/2014.

desautorização de uma leitura sobre um acontecimento. A confusão ou diferença de línguas estaria entre as narrativas e a leitura das mesmas.

Estamos alicerçando esta discussão para tomar o leitor como incluído na trama, apoiados no conceito de vítima virtual construído por Vaz e Rony (2011), onde, além do que já reunimos e catalogamos nessa subcategoria diante das narrativas em que o sofredor não é anônimo e apresenta detalhes de sua vida pessoal, como, a descrição dos vários momentos de uma família que perdeu um menino de oito anos, por exemplo, encontramos, nessa discussão, a via que busca a identificação de um leitor com a situação de sofrimento e, ao mesmo tempo, com a desautorização de sua percepção.

Propomos aqui a hipótese de que a confusão apresentada pela linguagem das narrativas não está apenas entre as causas das enchentes, nem entre a sua dimensão em 2014 e outras ocorridas anteriormente. A confusão diante da interpretação dos acontecimentos encobre a confusão que pode provocar a *Unheimliche* na leitura das narrativas: a *Verleugnung* da diferença social. A *Verleugnung*, o encobridor através de duas subcategorias diferentes: a compaixão e a piedade, por um lado, e os sinais, sem serem alertas, ou provocarem estranhamento, por outro. Avancemos agora nesta hipótese.

“Neste ano, as paróquias [...] decidiram celebrar a data de um jeito diferente: em vez dos tradicionais tapetes nas ruas, os fiéis estão sendo convidados a contribuir com donativos para os atingidos pela enchente da semana passada.”⁶³

“Os alimentos, materiais de higiene e limpeza e roupas poderão ser entregues no dia da missa. [...] ‘Sendo a Eucaristia a festa da partilha, pedimos que todos façam um ato de solidariedade. Acreditamos que o Senhor não gostaria de passar por tapetes tão bonitos sabendo da necessidade de muitos irmãos’.”⁶⁴

Há nessas narrativas que destacamos, dentro da categoria compaixão, a ideia de troca, de comércio, entre o que é doado e uma rendição de dívida própria. Na

⁶³ A NOTÍCIA. *Feriado de Corpus Christi. Celebração à solidariedade*. 18/06/2014.

⁶⁴ A NOTÍCIA. *Feriado de Corpus Christi. Celebração à solidariedade*. 18/06/2014.

fraternidade, há uma identificação com o outro, pois está alicerçada na alteridade, portanto não há ganho para si, nem troca, nem remissão de culpa. Aqui diferenciamos esses conceitos teoricamente, porém salientamos que foram utilizados através de uma aparente semelhança em compreensão nas narrativas. Portanto, tanto as palavras alerta, como solidariedade, são palavras que foram tomadas nas narrativas sobre a enchente de maneira muito diversa de nossa compreensão teórica.

Na narrativa: “Eu não consigo um fiador para alugar a casa. [...] não quero mais passar vergonha, diz Marli.”⁶⁵, dentro da subcategoria piedade, percebemos a descrição da vergonha em não encontrar alguém que se coloque como fraterno. A situação de receber doações de maneira piedosa coloca o outro em posição humilhada pela crueldade da diferença social.

Relacionamos o encobridor do discurso de solidariedade à *Verleugnung* presente nas narrativas de relatos de cuidado através da previsão das condições climáticas. Por exemplo, o alerta mostrado é aquele do monitoramento das águas, tal como apresentado nessas narrativas:

“Em Blumenau, o rio Itajaí-Açu deveria chegar a 10 metros às 3 horas desta segunda, segundo o Centro de Operação do Sistema de Alerta (Ceops). O rio atingiu 8,79 metros às 20 horas de ontem, o que já alaga ruas na cidade.”⁶⁶

“O que não pode, segundo ele, é ficar vendo a previsão do clima e os alertas de chuvas e desastres e agir depois.”⁶⁷

Porém, a atenção ou os sinais perceptivos necessários, enquanto presença em uma preocupação, um sinal de alarme, cumpre um papel importante na evitação de uma situação considerada traumática, pois nessa não estava presente esse recurso, apenas uma ansiedade automática. A ansiedade, enquanto reação ao perigo, tomou maior destaque na reformulação da teoria da angústia proposta por Freud (1926[1925]) e marcamos novamente a diferença entre os conceitos

⁶⁵ A NOTÍCIA. *Enchente. Dificuldade para alugar imóvel*. 26/06/2014.

⁶⁶ A NOTÍCIA. *Drama no Norte. Médio Vale em alerta*. 09/06/2014.

⁶⁷ A NOTÍCIA. *Chuvas em SC. Prefeitos das cidades atingidas terão desafios, diz especialista*. 18/06/2014.

Unheimliche e angústia sinal. Nas narrativas da categoria trauma encontramos a presença do conteúdo da angústia sinal:

“Moradores de rio Negrinho, no Planalto Norte, relatam os momentos de medo e tensão que viveram nos últimos dias e como estão enfrentando uma das maiores enchentes da história da cidade.”⁶⁸

“As parcerias com voluntários e clubes resultaram em ações rápidas para a população. O resultado foi a inexistência de registros de feridos ou mortos durante a enchente. Para o diretor de respostas da Defesa Civil de Jaraguá, Maicon Leandro da Costa, a eficácia do serviço é resultado de um conjunto de fatores: desde a ágil ação da Prefeitura ao mobilizar equipes e decretar o estado de emergência, passando pela experiência adquirida pela equipe e o apoio de parceiros.”⁶⁹

“A gente vai dormir e, quando escuta qualquer chuvinha, já dá medo, desabafa Adriano.”⁷⁰

Uma situação de perigo é lembrada e esperada em função do desamparo vivido numa situação traumática, pois a ansiedade é a reação original ao desamparo e posteriormente revivida através da tentativa em formar um sinal. Quando isso não acontece, a ansiedade é paralisante e a memória da situação traumática mantém um efeito dominante e o estado de alerta é não apenas constante, como também paralisante. Sabemos que essa enchente de 2014 não é a primeira situação de enchente vivida nessa região e o estado de alerta interditou a circulação das pessoas e o retorno das mesmas às suas casas.

Além da interdição, o monitoramento tornou-se constante:

“Apesar de a previsão meteorológica mostrar volumes maiores de chuvas para as regiões da Serra, Oeste e Sul de SC, a Defesa Civil do Norte do

⁶⁸ A NOTÍCIA. *Enchentes em SC. Cenário de desolação*. 10/06/2014.

⁶⁹ A NOTÍCIA. *Jaraguá e Corupá. Abastecimento prejudicado*. 10/06/2014.

⁷⁰ A NOTÍCIA. *Um mês da enchente. Busca por recursos ainda continua*. 08/07/2014.

Estado está atenta, principalmente no Planalto Norte, onde vários municípios foram atingidos pela enchente no início do mês.”⁷¹

A ideia presente nessas narrativas é de aviso aos moradores, considerando a ação rápida como a fuga de uma situação de deslizamento a partir de uma previsão mais precisa de quantidade de chuva. Percebemos aqui, portanto, uma repetição de um sinal constante, após uma situação de enchente. O estranhamento em relação à repetição não acontece. Esse seria *Unheimliche* em relação a esse sinal constante. Destacamos que a repetição presente nas narrativas abaixo apresenta ainda outro ponto:

“Irineu afirma que muitas famílias retornaram às suas casas sem autorização da Defesa Civil, o que pode trazer riscos.”⁷²

“A orientação é para que as pessoas que estão desabrigadas e desalojadas não retornem para as suas residências, especialmente aquelas que estão interditadas.”⁷³

“Após o desabamento da moradia, no bairro Nova Esperança, em Guaramirim, o que Valmir mais deseja é que, na medida do possível, a vida volte ao normal.”⁷⁴

Nelas, pertencentes também a categoria repetição, o desejo apresentado é de retornar ao estado anterior à enchente na posterioridade a ela, o retorno à rotina. E, ainda, é como se o sinal de alarme estivesse presente em uma interdição realizada por um terceiro. Está visível, nas narrativas, um aparente cuidado a partir da orientação de não retorno ao antigo. Aparente cuidado, pois o que torna o cuidado falso é ele dirigir-se apenas a um prazo de retorno a mesma situação. Retornar ao antigo, ao mesmo após um tempo, significa estar entregue à repetição de acontecimentos. Porém, também não há como retornar ao estado anterior: na narrativa abaixo, aparece a presença do insubstituível, da perda.

⁷¹ A NOTÍCIA. *Chuva. Defesa Civil está em alerta na região.* 25/06/2014.

⁷² A NOTÍCIA. *Chuva em SC. Guaramirim precisa de doações.* 13/06/2014.

⁷³ A NOTÍCIA. *Atenção redobrada. Moradores de encostas devem ficar atentos aos deslizamentos.* 14/06/2014.

⁷⁴ A NOTÍCIA. *Chuva em SC. O difícil recomeço dos Klitzke.* 27/06/2014.

“Mesmo com todos os móveis e objetos que permitiram a retomada da vida, a rotina não é mais a mesma e as últimas semanas foram marcadas pelo sentimento de recomeço. ‘Foi um mês difícil. Nem esperávamos ganhar tantas coisas. Mas agora, com o tempo, vimos que faltam coisas e faltam as nossas coisas’, fala Luzia.”⁷⁵

Alicerçamos a associação acima, ao ganho e a falta ao registro que Marcelo Andrade (2010) realizou sobre a obra de Arendt: ela estava convencida de que o mal não tem raízes, não tem profundidade, pois está em uma ausência do pensar e da reflexão, um mal sem inspiração apropriada no sujeito que o pratica. Essa metáfora, o mal sem raízes, nos inspirou a reflexão de que algo foi arrancado, foi desfeito na relação do sujeito com o Outro. Quando observamos o depoimento de que o *faltam não são as coisas, mas as coisas próprias*, entendemos que são as propriedades que estão faltando. Afirmar que foram as enchentes que destruíram as coisas próprias ou que apenas as doações substituiriam uma falta marcam uma negação. E, conforme Hanns (1996, p. 311), a negação empreendida pela *Verleugnung* é basicamente ligada à percepção de uma presença representada por uma *Vorstellung*, cujo conteúdo é insuportável. O insuportável seria perceber que sempre faltaram as coisas próprias, no sentido de liberdade e do direito de proteção.

Utilizamos para compreensão dessas narrativas também o estudo de Figueiredo (2003, p. 60), que mostrou que a recusa na *Verleugnung* não recusa a percepção da realidade em si, mas o que viria depois dela, ou seja, uma possibilidade de simbolizar e concluir logicamente. Ocorre um esforço de desautorização da percepção. Como se fosse um “eu sei que pode repetir, mas mesmo assim, retornarei ao mesmo ponto”. E o que foi perdido não possui recuperação. O que foi repostado, doado, reparado, não recupera o prejuízo enquanto perda do que é próprio. Pelo contrário, o que é doado enquanto piedade repete a condição de sujeito humilhado pela crueldade da diferença social.

No início desta análise, apontamos que abordariamos a busca de preparo para os acontecimentos e a solidariedade. Pensamos que o tema da repetição esclarece a diferença entre os conceitos *Unheimliche* e angústia sinal. A busca do

⁷⁵ A NOTÍCIA. *Um mês da enchente. Ajuda para voltar à rotina*. 09/07/2014.

preparo para o acontecimento, se fosse realizada através da angústia sinal, consideraria o conhecido a fim de temporalmente realizar uma diferença. E a condição de desamparo seria um caminho para *Unheimliche* provocador de fraternidade e não de piedade.

A velocidade marcou a violência dos acontecimentos, conforme essas narrativas pesquisadas: não deu tempo de fugir e de proteger-se. A velocidade é marca da impossibilidade da temporalidade necessária ao processo secundário, responsável pela elaboração psíquica necessária a um pensamento que produz uma ação específica necessária para conter o excesso de tensão. A enchente esteve representada como um excesso de velocidade dos acontecimentos e que trouxe prejuízo, medo, desespero e susto. O susto, conforme Freud (1920), ocorre quando o ego, não estando preparado, é acometido por algo súbito sem que tenha havido uma representação anterior que pudesse realizar um reconhecimento dos fatos. Como vimos, houve uma tentativa de moldar o acontecimento como traumático, reconhecendo até mesmo, nessas narrativas, o município, enquanto cofre público, como vítima.

Porém, a diferença da marca da posterioridade é o que distingue a *Unheimliche* de angústia sinal. Tal como formulou Birman (1997), a *Unheimliche* indicou o desamparo, esse é o sinal de angústia. A angústia sinal, o desamparo, seria aquela que poderia antecipar um perigo. O perigo, porém, que a *Unheimliche* antecipa, segundo Lacan (2005) seria a pretensão de gozo do outro. Relacionando a essas duas compreensões, percebemos que aquele perigo, da enchente, é resultante da *Verleugnung*, transformando em aparente angústia sinal o que não foi escutado: que o perigo escancarado através de uma situação climática é a *Verleugnung* de uma diferença social. A possibilidade que a *Unheimliche*, se existisse, criaria seria diferenciar as faltas.

As narrativas onde as doações não encobrem as faltas, possibilita a *Unheimliche* que cria o campo para fertilizar a fraternidade. Perceber os outros como irmãos, vizinhos, faz com que não seja percebida a falta apenas do mesmo e cria condições, segundo Birman (2006), para a diferença entre fraternidade e piedade, pois na primeira há alteridade, há *Unheimliche*.

Propomos que a angústia, nessas narrativas, possa encobrir a *Unheimliche*, ou seja, um sinal de angústia, mas sem um estranhamento, assim como a piedade e a compaixão podem encobrir a falta de fraternidade, através do manto falso de

solidariedade, um sentir sem ser tocado, como Arendt descreve piedade (ARENDRT apud SELIGMANN-SILVA, 2009).

Segundo Lacan (2005), a *Unheimliche* pode antecipar o perigo de tentativa de gozo do outro através da falta de alteridade e segundo Birman (2006) revelar dentro do homogêneo, o desamparo que faz a diferença. Aqui a angústia sinal não antecipa perigos porque ela é encobridora da *Unheimliche*, a mesma que faz com que alguns possam perceber-se diferentes de outros por causa da crueldade e a descarregarem qualquer angústia através da piedade, mascarada pela capa da solidariedade.

Nas narrativas pertencentes à subcategoria fraternidade, os vizinhos estão contemplados. O relato realizou-se através de uma ajuda não realizada por alguém que possui uma condição social diferenciada, mas por um semelhante, por aquele que vive a mesma falta, a mesma dificuldade, vizinho diante de condições de possibilidade. A fraternidade ocorre diante da condição de possibilidade de inquietude diante da desautorização da percepção.

A *Unheimliche* pode estar presente diante da leitura das narrativas quando ocorre uma identificação com a falta de *Unheimliche* em narrativas presentes em alguns momentos da vida em função do desamparo, essa *Unheimliche* seria fraterna, pois contemplaria a inquietação diante do desamparo e uma possibilidade sublimatória. A fraternidade presente enquanto subcategoria no interior da categoria vítima nos mostrou uma diferença diante do homogêneo, percebê-la como uma narrativa destoante das narrativas sobre vitimização, diante de um acontecimento tomado como traumático, abre espaço para o devir, para o campo aberto diante da cultura, quando as repetições são tomadas em sua complexidade.

Essa pesquisa encontrou argumentos dentro do recurso teórico da psicanálise para questões propostas por Fassin e Rechtman diante de acontecimentos tomados como geradores de vítima a fim de encobrir diferenças sociais, como um traumatismo social anunciado ser apresentado como imprevisto e a crueldade tomar forma através de uma falsa ideia de solidariedade. A *Unheimliche* e a fraternidade diante da repetição e do excesso de confusão são aberturas que a psicanálise pode realizar na cultura, a fim de trabalhar contrariamente à destrutividade.

6 CONCLUSÃO

As narrativas midiáticas pesquisadas sobre a enchente de 2014 no Vale do Itajaí-Açu, SC, apresentaram a figura da vítima conforme a proposta da cultura na contemporaneidade dando peso a enchente, enquanto acontecimento provocador de vítimas nomeadas como pessoas desalojadas, desabrigadas e soterradas, enfocando a intensidade com que as águas movimentaram as encostas do Vale do Itajaí-Açu. As narrativas apontaram para a reincidência das enchentes na região, porém marcando a diferença através da comparação pela força da destrutividade em 2014 e construindo uma ideia de necessidade de uma previsão climática com maior precisão. Nelas, também a convocatória por doações para as vítimas foi alicerçada proposta de solidariedade oferecida pela cultura.

Fassin e Rechtman (2009) apresentaram a forma como a nova linguagem dos acontecimentos apresenta o traumatismo através de uma concepção moral de doença e associada a concretude de fatos e propuseram que a leitura crítica seja feita na contrariedade da generalização e da naturalização. O uso da vitimização como instrumento da superficialidade e da superfluidade é uma característica da sociedade de massa para Arendt (ANDRADE, 2010). E Birman (2006) nos inspirou nesse trabalho possuindo como eixo a desconstrução da servidão rompendo com ideias de falso amparo que palavras de solidariedade superficiais ou superfluidas possam alimentar. Romper com a banalidade implicou nos questionarmos sobre a repetição além da reincidência dos fatos.

O traumatismo, enquanto nova linguagem dos acontecimentos, apresenta tanto uma narrativa de despreparo para o acontecimento imprevisível e inesperado quanto uma narrativa solidária. Foi através diferença entre a *Unheimliche* e a angústia sinal, a posterioridade, que associamos duas compreensões fundamentais de dois autores sobre esses conceitos. Birman destacou a *Unheimliche* indica o desamparo, e esse é o sinal de angústia e a antecipação do perigo. E, conforme Lacan (2005), esse sinal comunicaria a pretensão de gozo do outro. Nessas narrativas, a banal angústia sinal que procura a previsão do tempo encobre, produz uma *Verleugnung* de uma diferença social. A possibilidade que a *Unheimliche*, se existisse, criaria seria diferenciar as faltas.

Há algo narrado que está sendo previsto e feito em relação ao clima e em relação às vítimas: melhor previsão do tempo e uma postura de compaixão/piedade

em relação àqueles que perderam sua moradia. Porém, a *Unheimliche* dos leitores e daqueles que se inquietam com o semelhante está em relação à falta de angústia sinal, a percepção do que é mostrado como sentido e que não toca, ao sem sentir, ao sem sentido.

A *Unheimliche* pode assinalar o desamparo diante do semelhante e abrir espaço para a fraternidade. Desconstruir a ideia de traumatismo como causador de vítimas abriu espaço para a observação da intensidade de contradições presentes nas narrativas que encobrem uma diferença social e procuram alimentar a destruição da subjetividade através de uma superficialidade de determinismos. Esses marcados pela causalidade do desabrigo alicerçado no tempo.

O município ser tomado como vítima por ser pobre diante do estado é tão encobridor e banal como ser atingido pela enchente em função da pobreza ou da condição climática. A enchente de narrativas contraditórias atinge aqueles que leem algo como se fosse uma angústia sinal. Conforme Lacan (2005), a *Unheimliche* pode ocorrer para marcar um sinal de gozo do outro, porém observamos algo ainda além disso, uma angústia sinal sem ser efetivamente angústia, sem sentir, na tentativa de encobrir uma *Unheimliche*. Os leitores que podem atravessar o desamparo e observar o outro enquanto irmão, na fraternidade, podem sentir a *Unheimliche* diante dessa confusão de narrativas. E, quando não possível, nós, psicanalistas, precisamos realizar essa diferença proposta por Birman (2006), de que é possível a construção de laços entre irmãos, mesmo que não estejam marcados pelo sangue, sendo esse, nem do parentesco, nem da rivalidade, mas iluminado pela semelhança diante do desamparo e da vida, ou seja, alicerçado nos enlaces amorosos no percurso pelo deserto diante de uma enchente de acontecimentos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, jan./abr. 2010.
- ARENDT, H. **Sobre a revolução**. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.
- _____. **Eichmann em Jerusalém: sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.
- BACHELARD, C. **A filosofia do não**. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção Pensadores)
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BIRMAN. Sobre a paixão. In: **Ensaio sobre a teoria psicanalítica**. São Paulo: Jorge Zahar; Ed. 34, 1993. p.84-95.
- _____. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 9-30, 1999.
- _____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CANAVÊZ, F.; HERZOG, R. Trauma e vitimização na contemporaneidade. VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL e XII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, Belo Horizonte, 2014. p. 1-8.
- _____. O trauma em tempos de vítimas. VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL; XII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, Belo Horizonte, 2014; Rio de Janeiro, **Ágora**, v. XVIII, p. 39-50, 2015.
- DUNKER, C. A função terapêutica do real: trauma, ato e fantasia. **Pulsional**, v. XIX, n. 186, jun. 2006.
- EDLER, Sandra Paes Barreto. Desejo, remédio contra a angústia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, ano V, n. 2, p. 44-55, jun. 2002.
- FASSIN, D.; RECHTMANN, R. **The empire of trauma**: na inquiry into the condition of victimhood. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- FERENCZI, S. A adaptação da família à criança (1928) p. 1-14. Confusão de línguas entre os adultos e a criança (1933) p. 97-106. Reflexões sobre o trauma (artigo

póstumo) p. 109-117. **Obras Completas. Psicanálise IV.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIGUEIREDO, L.C. **Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea.** São Paulo: Escuta, 2003.

FONSECA, F. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p. 41-69, dez. 2011.

FREUD, S. Prefácio e notas de rodapé à tradução de *Leçons du Mardi*, de Charcot. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980(1892-94). v. 1, p. 191-206.

_____. Carta a Josef Breuer (1892). In: Esboços para a 'Comunicação preliminar' de 1893. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980[1940-41(1892)]. v. 1, p. 299-310.

_____. Rascunho K. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980[1950(1892-1899)]. v. 1, p. 299-310.

_____. Carta 69. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980[1950(1892-1899)]. v. 1, p. 350-352.

_____. Projeto para uma psicologia científica. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980(1950[1895]). v. 1, p. 281-511.

_____. Estudos sobre a histeria. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980[1893-1895]. v. 2, p. 43-363.

_____. Interpretação dos sonhos. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980[1900]. v. 5, p. 543-660.

_____. Tratamento psíquico. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980[1905a]. v. 7, p. 129-238.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980[1905b]. v. 7, p. 129-238.

_____. Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1980[1911]. v. 12, p. 277-290.

_____. Tipos de desencadeamento da neurose. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1912]. v. 11, p. 291-299.

_____. Recordar, repetir e elaborar. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1914]. v. 12, p. 193-206.

_____. Totem e Tabu. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1912-1913]. v. 13, p.17-241.

_____. A repressão. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1915]. v. 14, p.169-189.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980(1917[1916-1917]) v. 16, p. 289-540.

_____. Introdução a 'a psicanálise e às neuroses de guerra'. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1919a]. v. 17, p. 257-270.

_____. O 'estranho'. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1919b]. v. XVII, p. 275-322.

_____. Além do princípio do prazer. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1920]. v. 18, p. 17-90.

_____. Psicologia de grupo e a análise do ego. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1921]. v. 18, p. 91-183.

_____. O ego e o id. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1923]. v. 19, p. 23-90.

_____. Inibições, sintomas e ansiedade. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1926(1925)]. v. 20, p. 107-210.

_____. O futuro de uma ilusão. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1927]. v. 21, p. 15-80.

_____. O mal-estar na civilização. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1930(1929)]. v. 21, p. 81-177.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1933(1932)]. v. 22, p. 15-225.

_____. Moisés e o monoteísmo. Trad. J. Salomão. **Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1939(1934-38)]. v. 23, p.13-161.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GREEN, A. **O trabalho do negativo**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HANNS, L. **Dicionário comentado de alemão de Freud**. Rio Janeiro: Imago, 1996.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IRMEN, F. **Langenscheidt Dicionário de bolso das línguas portuguesa e alemã**. Berlim: Langenscheidt, 1988.

KNOBLOCH, F. **O tempo do traumático**. São Paulo: EDUC, 1998.

KOPPER, M. Artigo bibliográfico: nos limites da intervenção: a antropologia crítica de Didier Fassin. **Mana**, v. 20, n. 2, p. 355, 2014.

KUPERMANN, D. A “desautorização” em Ferenczi: do trauma sexual ao trauma social. **Revista Cult**, n. 205, 2016.

LACAN, J. **O Seminário: livro X**. A angústia. 1962-1963. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAPLANCHE, J. **A angústia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORAES, E.G. de; MACEDO, M. M. K. **Vivência de indiferença, do trauma ao ato-dor**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

_____; PERRONE, C. M. Do trauma ao testemunho: caminho possível de subjetivação. In: SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA. **Clínicas do testemunho**: reparação psíquica e construção de memórias. Porto Alegre: Criação Humana, 2014. p. 31-46.

PIAZZA, G.A. et al. Modelo de avaliação de obras de contenção de pequenos movimentos de massa. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 101-118, jan./abr. 2015.

PISETTA, M.A.A.M. A falta da falta e o objeto da angústia. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 101-107, jan.-mar. 2009.

ROSA, M.D. **A psicanálise e as instituições**: um enlace ético-político. Na.5 clo. LEPSI IP / FE-USP 2004. On-line ISBN 978-85-60944-06-4.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SELIGMANN-SILVA, M. A história como trauma. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (org.). **Catástrofe e representação**: ensaios. São Paulo: Escuta, 2000, p. 73-98.

_____. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos das catástrofes históricas. **Psic. Clinic.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

_____. **Para uma crítica da compaixão**. São Paulo: Lumme, 2009.

SIQUEIRA, J.E. Irreflexão e a banalidade do mal no pensamento de Hannah Arendt. **Revista Bioethikos**, v. 5, n. 4, p. 392-400, 2011.

VAZ, P.; RONY, G. Políticas do sofrimento e as narrativas midiáticas de catástrofes naturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 212-234, 2011.

WEINTRAUB, C.A. de M.; VASCONCELLOS, M. da P.C. Contribuições do pensamento de Didier Fassin para uma análise crítica das políticas de saúde dirigidas a populações vulneráveis. **História, Ciência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 653-673, abr.-jun. 2013.